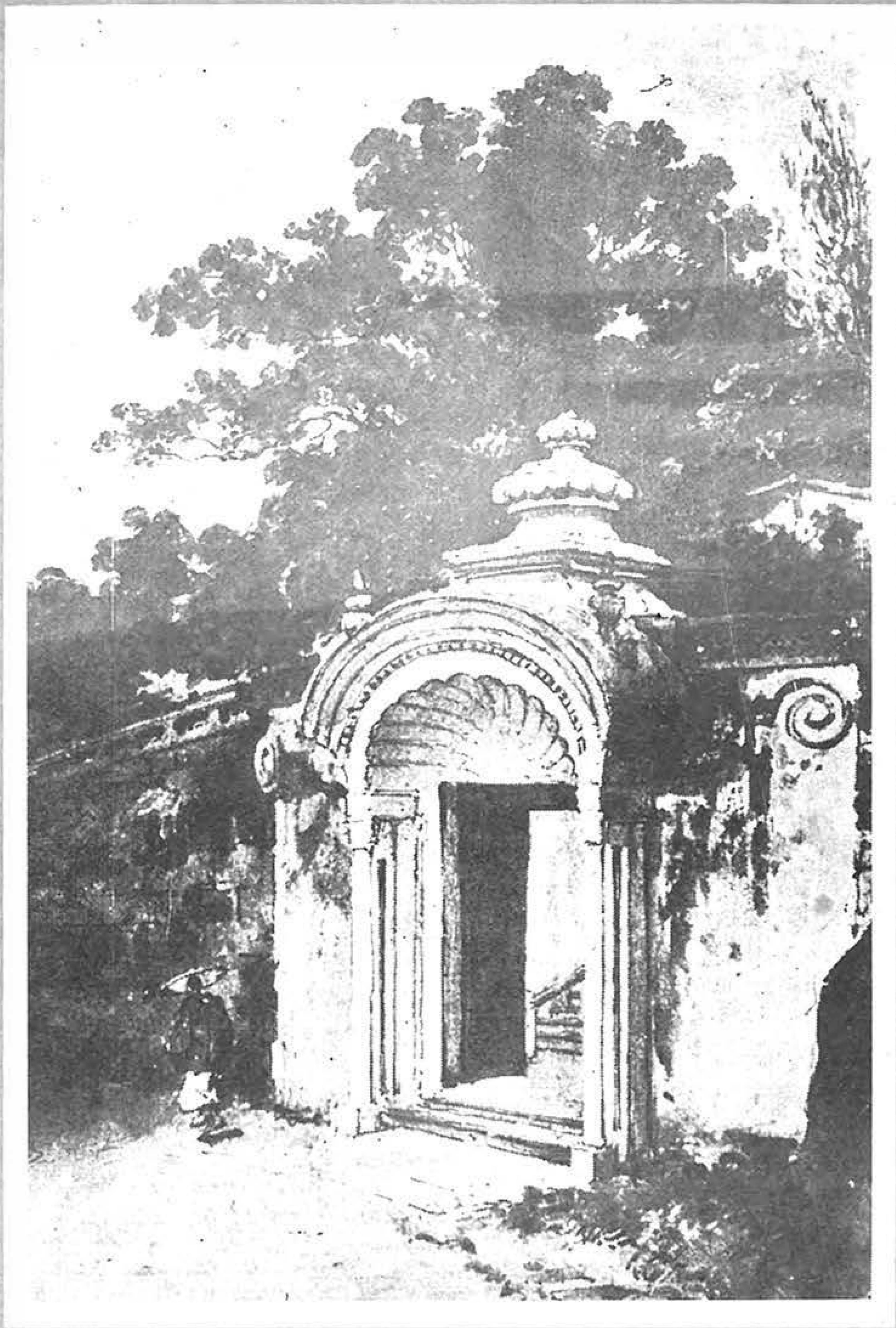


P. Manuel Teixeira

O SEMINÁRIO DE S. JOSÉ DE MACAU



NO IV CENTENÁRIO DA DIOCESE DE MACAU — 1976

340.00
340.60

P. Manuel Teixeira

O SEMINÁRIO DE S. JOSÉ DE MACAU

(Resenha histórica)



NO IV CENTENÁRIO DA DIOCESE DE MACAU — 1976

ÍNDICE

	<i>Páys.</i>
Fundação	1
Os primeiros 30 anos	2
O Colégio sem professores	4
O Seminário sob os Lazaristas	6
Os Padres presos	7
Um aluno e professor no Seminário beatificado	9
Ilha Verde	10
O bispo adianta-se	12
O Seminário no tempo dos lazaristas	13
Decadência do Seminário	14
O Seminário sob os Jesuítas	18
O Seminário secularizado	30
Descida de nível	33
Projecto do Seminário-Liceu	35
De novo sob os Jesuítas	37
O Seminário sob os Padres Seculares	40
De novo sob os Jesuítas	46
Finalmente sob os seculares	52
Os Jesuítas nos inícios do Seminário de S. José	54
Os Lazaristas no Seminário de S. José	54
Reitores do Seminário	55
Egreja do Seminário de S. José	57

FUNDAÇÃO

A data exacta da fundação deste Seminário consta dum documento coevo:

—«Hoje 23 de Fevr.^o de 1728 se passarão de S. Paulo os Pes. da Vice-Provincia (*da China*) p.^a esta nova caza de S. Jozé p.^r ordem do R.^{do} P.^e V. Provincial João de Saá=Luiz de Sequeira, Procurador da V. Provincia» (1).

Consta do mesmo documento que o doador da casa de S. José foi Jorge Miguel, que noutros papéis aparece com o nome de Miguel Cordeiro: «Fundou Jorge Miguel Deffto, huma Rezidencia p.^a a qual deo as casas, e sítio, q. estão junto a S. Agostinho com ms. (mais) 400 pts. a qual fundou p.^a sy, e p.^a hum seo irmão no anno de 1622, sendo Procurador o Pe. Matheus Gago tudo consta de Testam.^{to} do deffunto, q. está em nosso poder, donde eu tirei este asento, hoje 25 de Fever. de 1733 (2).

Quer dizer, Jorge Miguel Cordeiro construiu em 1622 uma casa junto do Convento de S. Agostinho para si e seu irmão, legando-a em testamento aos jesuítas. Estes passaram para lá em 1728.

A 27-5-1730, o Pe. Manuel Pinto, superior da Residência de S. José, pediu ao Senado o Mato Mofino p.^a anexar à dita Residencia (3), o que este despachou a 21 de Junho.

A 2-7-1730, o padre superior e procurador dessa Residência pediu ao Senado que mandasse «assignalar o chão do Matto Mofino de que lhe fez mercê p.^a o mandar amurar». Foi incumbido dessa diligência o alcaide Francisco Rodrigues com o escrivão da sua vara.

Em 1736, o P. Pinto pagou \$77.790 «por 377 Jornaes de Pedreiros que quebrarão pedras no Matto Mofino».

O P. Videira Pires, que reproduz este documento, nota: «De facto, todo o actual Seminário está construído sobre pedra viva, donde até brota água. Entre o pavilhão oriental e a casa do faleci-

(1) Pe. Benjamim Videira Pires, S. J., *Documentação sobre os inícios do Seminário de S. José*, in «Religião e Pátria», Ano 46, n.^o 42, de 23-10-1960, p. 663.

(2) Ibidem.

(3) Ib., p. 660. A colina onde se ergue o Seminário chamava-se outrora Mato Mofino e a actual Rua do Seminário, Rua do Mato Mofino.

do Sir Robert Ho Tung, erguia-se uma pedreira enorme com um mirante em cima, que ainda aparece nas gravuras de inícios do século XIX. Hoje, em grande parte, esta pedreira foi destruída, mas os seus alicerces estão perfeitamente a descoberto na gruta de N.^a S.^a de Lurdes na cerca do Seminário e no jardim superior da referida casa do Sir Robert Ho Tung, hoje Biblioteca Chinesa» (1).

Em 1738 levantou-se o muro que hoje separa o Seminário do teatro D. Pedro V.

A igreja do Seminário levou 12 anos a construir, sendo começada em 1746 e inaugurada em 1758: «No anno 1746 se deo principio arrazar hum Monte, q. tudo quazi era rocha viva, todo o ambito da Igreja e Pateo, e se lançarão os primeiros fundam.^{tos}. — No anno de 1747 athe o fim do anno de 1748 se continuarão as obras da Igreja, a saber, p.^a arrazar o restante do outeiro do chão da sacristia, e corredor do Norte, e para fundam.^{to} do Frontispício, e Torres. — Ao 1.^o de Agosto de 1751 se principiarão as paredes da Igreja, via, sacristia, escada p.^a camarim do corr.^{dor} athe Setembro de 1752. —... Porta Principal, e escada, que principiarão em Janr.^o em 1757 athe fim de 9br.^o de 1758 (2).

Essa imponente escadaria tem 52 degraus.

A 4-8-1751, o Senado deferiu o pedido do P. Luís Sequeira para lhe dar «hũ pedaço de Chão, q̃ não tẽ sinal de pertencer a ninguem o q.¹ fica oeste fronteiro a Tronco» (3).

Os primeiros 30 anos de vida

O P. Manuel Pinto foi reitor do Seminário de 1728 a 1730.

«No ano de 1730 já se escrevia que os alunos deste seminário de S. José, de recente fundação, vestiam à europeia para iludir a perseguição dos mandarins» (4).

De facto, em consequência da proibição dos ritos chineses, o imperador Yung Cheng (1722-1735) tornou-se encarniçado inimigo do

(1) *Ib.*, 662.

(2) *Ib.*, p. 663.

(3) *Arq. de Macau*, Dez. de 1974, p. 350. O Tronco era o Tronco Velho ou Cadeia, que ficava na actual Calçada do Tronco Velho.

(4) Pe. Francisco Rodrigues, *A Companhia de Jesus em Portugal e nas Missões* (2.^a ed., Porto, 1935), p. 63, nota 2.

cristianismo. Em 1732, foram desterrados para Macau os dominicanos espanhóis D. Pedro Sanz (mais tarde beato e mártir) e os PP. João da Cruz, Francisco Saenz, Eusébio Oscot e Manuel Tenório, que se hospedaram no Convento de S. Domingos; com eles foram expulsos de Cantão outros missionários, num total de 40, vindo todos para Macau.

Os mandarins estenderam a perseguição à própria cidade de Macau: proibiram receber os cristãos da China; e aqueles que se refugiassem em Macau, deveriam ser presos e remetidos aos mandarins; os missionários refugiados em Macau deveriam ser remetidos para a Europa; ordenaram que se encerrasse a igreja de N. Sra. do Amparo, construída pelo Pe. André Palmeiro em 1634 para a conversão dos chineses.

Mas uma carta régia de 1.º de Abril de 1736, expedida pelo Conselho Ultramarino ao Conde de Sandomil, vice-rei da Índia, ordenava que os Missionários Franceses expulsos do Império da China, fossem admitidos em Macau (1).

Os mandarins chegaram a fixar no Bazar de Macau uma chapa contra a lei de Cristo e um libelo infamatório contra os missionários.

Fr. José de Jesus Maria acrescenta: «Como se observou nos Tartaros e Chinas tão exorbitante excesso, e se receou que pudesse passar a mais a insolencia, se propoz em o Senado ser conveniente o fazer-se alguns provimentos de arroz para a cidade, havendo esta pervenção porque não percesse o Povo, tendo a experiencia já mostrado que nas occasioens hé o maior despique destes Barbaros fexar por vingança as portas, e prohibir os mantimentos; parece bem a proposta, mandando-se pôr em execução: comprou-se com effeito o arroz, veio, mas teve na administração hum tal governo, que pareceo fazenda sem dono: huma parte se deu fiada e nunca paga, outra se destribuhio: não quero eu dizer o modo, pois tenho pejo» (2).

O Seminário de S. José serviu então de celeiro. Com effeito, a 28-6-1733, o Senado pediu ao Provincial da China concedesse licença aos «seus R.^{dos} Pes da Caza de S. Joseph erijão hum Celeiro

(1) Vid. *Arq. do Senado*, Ordens regias, f. 159; *Arq. de Macau*, Junho de 1968, p. 307; *O Oriente Portuguez*, 1915, p. 49.

(2) *Azia Sinica e Japonica*, II, 202-203.

de Arroz na forma que ha nas terras de Norte sendo tudo administrado p.^{los} ditos R.^{dos} p.^{es} e será esta obra de tanta mizr.^a com este povo que Nosso Sñr dará a V. R.^{ma} o devido premio no concedim.^{to} desta tão piedosa obra».

O P. Luis de Sequeira, S. J. foi reitor do Seminário de 1742 a 1745; de 1752 a 1755 e de 1759 a 1762.

O P.^e João Duarte foi reitor de 1746 a 1749 e o P.^e João Simões de 1755 a 1758.

Na sessão do Senado de 31-12-1749, o P.^e António Pires assina a acta pelo P.^e Reitor do Colégio de S. José. Seria ele o seu sucessor em 1750?

A acta de 11-10-1755 é assinada pelo P. João Simões, Reitor do Colégio de S. José da Companhia de Jesus; as actas de 22-7-1758 e 2-6-1760 são assinadas pelo P. Luís de Sequeira. Foi a este que o Senado escreveu: «Aos vinte e dous do mes de Fev.^{ro} de 1744... Houve escrever hua Carta ao Rvdo. P. Superior da Casa de S. Joze Luis de Siq.^{ra} agradecendo-lhe o favor q. fez a este Senn.^o premetindo q. o Rvdo. P. Simoneli fosse em Camp.^a deste Senn.^o a caza dos Mandarins de Ansão, Caza branca» (1).

Em 5-7-1762, foram expulsos do seminário, às ordens de Pombal, os seguintes jesuítas:

PP. Luís Siqueira, reitor, Dinis Ferreira, ministro, Manuel de Aguiar, Francisco da Silva, António Falcão, António Simões e Manuel Carvalho, todos portugueses; P. António Xavier Morabito, italiano, Irmãos leigos; Francisco Foller, italiano, procurador, Simão de Almeida, português, Francisco da Cunha, chinês; todos eles embarcaram a 5 de Novembro para Portugal. O P. Sequeira faleceu na viagem, no porto de Talicheri da Costa do Malabar, a 12 de Fevereiro de 1763.

O Colégio sem professores

Os Colégios de S. Paulo e S. José, privados dos seus professores, ficaram abandonados, tornando-se moradas de ratos.

(1) Cit. pelo P. B. V. Pires, in *Religião e Pátria* de 23-10-1965: código n.^o 10, f. 87 v. dos *Arq. do Senado*. Note-se que o P. João Simonelli chegou a Macau em 1743, falecendo na China em 1785. Ansão é a ilha de Heung-Sán, hoje Chong-Sán, em cuja fronteira está Macau.

A 23 de Agosto de 1774, chegou a Macau, na fragata *N. Sra. da Penha*, o bispo D. Alexandre da Silva Pedrosa Guimarães (1772-1789).

Como o Paço estava inabitável (1), foi residir no Seminário de S. José. Em carta ao Senado, a 5-8-1774 diz o bispo:... «do Supremo Governo de Goa veio ordem para se não vender o Quintal do Collegio de S. José enquanto eu nelle residir» (2).

A 4-9-1774, comunicou ao Senado que ele se achava muito mal acomodado no arruinado colégio de S. José com bastante incómodo para ambas as partes (3).

Este inimigo figadal dos jesuítas não poupou a obra cultural dos inacianos, pois em 8-12-1777, sendo bispo e governador de Macau, publicou um Bando em que diz: constando que algumas pessoas conservam «nas suas livrarias autores jesuítas prohibidos por leis... (e até) em juizo descaradamente os alegam... mandamos (que dentro de) 8 dias se nos apresentem e entreguem todos os livros prohibidos nas leis e editos, sob pena de se proceder contra os transgressores» (4).

Não possuindo a diocese nenhum professor competente para ministrar o ensino eclesiástico, o bispo viu-se forçado a recorrer ao dominicano espanhol, P. Mestre Fr. Jozé Bandilh. Com efeito, a 30-1-1777, publicou uma Pastoral exortando os sacerdotes ao estudo da teologia e diz que, visto não haver mestre capaz na sua diocese, ele pedira ao dominicano espanhol para reger o curso teológico a expensas do prelado (5).

A que penúria e decadência se chegara em 15 anos!

Pois este homem limitou-se a confiscar os livros dos autores jesuítas e nada fez pela instrução.

A 23-12-1778, o Senado pediu ao Governador de Goa que solicitasse de S. Majestade a criação em Macau de cinco escolas «de

(1) «29-8-1774: Cópia do Termo sobre huma Carta que o Exmo. Diocezano dirigio ao Laal Sen.^o acerca da necessid.^e do conserto do Palacio Episcopal» (Arq. do Senado).

(2) Cit: pelo P. V. Pires, in *Região e Pátria*, 27-8-1961, p. 488.

(3) Filmoteca, n.^o 25, p. 475.

(4) *Macau e a sua Diocese*, II, 257.

(5) *Macau e a sua Diocese*, II, 260.

ler e escrever, de grammatica latina, de philosophia, moral e theologia... podendo de qualquer dos conventos daquelle cidade nomear-se professores habéis para tal ensino.

Submetteu o governador essa representação à resolução régia em 21 de Abril de 1779» (1), mas sem resultado.

Nesta apagada e vil tristeza se continuou até à chegada dos Lazaristas.

O Seminário sob os Lazaristas

D. Frei Alexandre de Gouvea foi eleito bispo de Pequim a 22-7-1782 e sagrado em Lisboa a 7-2-1783. Em Abril seguinte partiu de Lisboa com escala pela Baía, Goa e Macau.

Em Goa observou a boa ordem que reinava no Seminário do Chorão, regido pelos lazaristas. Agarrando a ocasião pelos cabelos, pediu aos PP. Manuel Correia Valente, português, e João Agostinho Villa, que viessem para Macau dirigir o Seminário de S. José. Eles aceitaram e partiram com o bispo, ainda que em barco diferente, chegando todos a Macau a 28-7-1784; o prelado veio de Goa numa fragata de guerra.

O Seminário foi consertado e equipado; D. Alexandre elaborou o regulamente, devendo ensinar-se gramática, as línguas latina e chinesa, retórica, filosofia, teologia dogmática e moral e matemática.

O Seminário foi inaugurado a 1-10-1784 com 8 alunos.

Por ordem régia de 9-9-1784 passou a ser Seminário Régio e Episcopal de Pequim sob a direcção dos lazaristas; mas por carta régia de 13-2-1800 passou a ser Casa da Congregação da Missão, deixando de ficar sob a jurisdição do bispo de Pequim. Arbitraram-se então 150 taéis a cada aluno, 240 taéis a cada padre e 600 para conservação e reparação do edifício.

O Seminário, sob a direcção dos lazaristas, voltou ao seu antigo esplendor. Em 1811 escrevia o seu superior, P. Nicolau Rodrigues Pereira de Borja: «Bem se pode afirmar que desde a instituição deste Seminário, quasi se não há ordenado Sacerdote nesta cidade, que em tudo ou em parte não deva sua educação e ensino ao mes-

(1) *Ib.*, 262.

mo Seminário, fora outros que aqui se educarão, que não seguem o estado ecclesiastico, sendo este o unico lugar de educação nesta cidade» (1).

A mocidade não só macaense, mas até vários jovens estrangeiros, recebiam no Colégio de S. José uma sólida educação e instrução, que lhes davam ingresso nas universidades.

Em 1811 havia lá um aluno de Malaca, já diácono, Jacob Joaquim Freire Brumler, e alguns timorenses.

O bispo D. Manuel de S. Galdino dizia em 1804 que os lazaristas «puseram nos devidos termos o Seminário» (2).

Os Padres presos

Os lazaristas encontraram um acérrimo adversário no bispo de Macau, D. Frei Francisco de N. Sra. da Luz Chacim, O. F. M. (1804-1828). Quando em 1822 rebentou o movimento liberal, os lazaristas aderiram ao constitucionalismo; mas a 23-9-1823 este foi sufocado sendo nomeado governador o bispo Chacim. Vários protestaram, entre os quais os lazaristas Joaquim José Leite, superior do Colégio de S. José, e Francisco da Silva Pinto e Maia; estes foram presos a 4 do mês seguinte.

Os lazaristas Joaquim Afonso Gonçalves e Luís Álvares Gonzaga fugiram para Manila, ficando superior interino do Seminário o P. Borja.

A 17-11-1823, o P. Borja recebeu o seguinte ofício do novo Governo, composto pelo bispo Chacim, o major João Cabral de Estifque, comandante militar, e Joaquim António da Silva:

«A magoa que este Governo teve pelas medidas, que à sua reconhecida moderação não quizerão poupar os PP. desse Collegio presos e profugos por sua obstinada conducta», foi suavizada por ele, Borja, ter tomado a direcção do Colégio, o qual voltará «a ganhar a sua antiga consideração publica que tanto fizeram perder as opiniões subversivas d'aquelles seus outros companheiros». Para suprir a falta destes, o governo ofereceu ao Reitor o subvencionar quais-

(1) *Macau e a sua Diocese*, III, 677.

(2) *Ib.*, 688. Para a história do seminário sob os lazaristas, vid. P. M. Teixeira, *Arquivos da Diocese de Macau*, Vol. I, pp. 113-272.

quer professores eclesiásticos ou seculares que ele escolhesse e ainda ajudar na manutenção dos órfãos mantidos pelo Seminário.

Agradece ao P. Borja o ter tomado a direcção do Seminário, «commissão em que foi forçoso ingerir-se bem a seu pesar».

O P. Borja respondeu a 22 de Novembro agradecendo os cumprimentos e as «providentes medidas propostas, e offerecidas a favor da publica instrução» (1).

O *Echo do Povo*, n.º 68 de 15-7-1860 escrevia: «N'esse mesmo tempo foram presos tres professores do collegio de S. José (2). Um d'elles (3) foi nomeado depois vigario em Singapura, onde morreu, e os dois outros (4) voltaram ao collegio, o qual com a volta d'elles, e com a chegada de mais alguns padres novos de Portugal (5), continuou a funcionar, mas já não com tanta regularidade como d'antes. Passado algum tempo dois dos padres novos (6) foram para as missões a que eram destinados; dois dos professores velhos falleceram (7), e dos que restavam foi um eleito bispo de Macau (8), um outro para seu coadjutor (9), e outro para bispo de Nanquim. D'este modo só restou no collegio o muito virtuoso e respeitavel

(1) *Gazeta de Macao*, N.º VIII, de 21-2-1824.

(2) Não foram 3, mas só dois: Leite e Maia.

(3) O P. Maia fundou a Missão Portuguesa de Singapura em 1825 e ali faleceu a 17 de Fevereiro de 1850.

(4) Voltaram ao Colégio não 2, mas 3: Leite, Gonçalves e Gonzaga.

(5) A 25-10-1825, chegaram a Macau três lazaristas no *Vasco da Gama*, de que era capitão e proprietário Joaquim de Ramos: José Joaquim Pereira de Miranda e Oliveira, Jerónimo José da Mata e João de França Castro e Moura.

(6) O P. Miranda partiu em 9-9-1827 para Nanquim, onde faleceu a 1-11-1828; o P. Moura partiu também para Nanquim a 6-8-1830, chegando lá a 23 de Outubro desse ano.

(7) Luís José Álvares Gonzaga, natural de Proença a Nova, veio para Macau como diácono, terminou os estudos no Seminário, foi ordenado sacerdote na Sé a 14-10-1804 e faleceu a 20-3-1829. Joaquim Afonso Gonçalves nasceu no Tojal, concelho da Serra, a 23-3-1781, chegando a Macau a 28-6-1812, leccionou no Seminário inglês e música, foi grande sinólogo, publicou várias obras, falecendo a 3-10-1841.

(8) D. Nicolau Rodrigues Pereira de Borja, natural de Cortiçada (hoje Proença a Nova), chegou a Macau a 3-8-1802, ficando professor do Seminário. Foi eleito bispo de Macau por decr. de 25-11-1841; faleceu a 22-3-1845 antes de ser sagrado.

(9) D. Jerónimo José da Mata nasceu em Arnoia, concelho da Certã a 18-12-1804; chegou a Macau a 24-10-1825; concluiu os estudos no seminário, sendo ordenado sacerdote em Manila com Castro e Moura em 1829.

ancião Rev.^{mo} P. Leite, que continuou a ensinar latim até 1854, quando falleceu (1). D'este modo acabou todo o ensino no real collegio de S. José».

Note-se que D. José Joaquim Pereira e Miranda foi o último lazarista a falecer no seminário a 4-11-1856.

Um aluno e professor do Seminário beatificado

Trata-se do beato Gabriel Perboyre, C. M., nascido a 2-1-1802 em França e martirizado na China a 11-9-1840. Em 1835, ficou no Seminário de S. José a aprender chinês com o P. Joaquim Afonso Gonçalves e a dar aulas de francês aos alunos, segundo ele confessa: «Eles (os lazaristas) occupam o colégio ou seminário de S. José, vasta casa que pertencia aos jesuítas e que tem uma bela igreja. Preparam e formam missionários chineses de Cantão (2), de Nanquim e de Pequim e educam ao mesmo tempo os jovens de Macau, aos quais ensinam entre outras disciplinas o francês e o inglês. Estes alunos não são numerosos, porque neste país faz-se pouco caso da educação.

Os cinco confrades (3) que dirigem este estabelecimento são muito instruídos.

Eu terei por professor o Sr. Gonçalves que compôs um dicionário chinês-português, e um outro português-chinês e prepara um terceiro latim-chinês. É autor também duma gramática latino-chinesa e duma gramática luso-chinesa. É com ele que os missionários, que vêm da Europa, estudam o chinês. É também muito sábio na Astronomia e nas Matemáticas... Vai enviar para Paris as observações que fez sobre o cometa deste ano... Eu ensino um pouco de francês

(1) Joaquim José Leite nasceu em Vila-Nova dos Infantes, Guimarães, a 16-9-1762; chegou a Macau a 31-6-1801, leccionando no seminário até à morte em 25-6-1853 (e não 1854) sem nunca ter saído do mesmo seminário, onde foi quase sempre superior. O seu *Diário* foi por nós publicado nos *Arquivos da Diocese de Macau*, Vol. I, pp. 113-272.

(2) Em vez de Cantão, deveria ter escrito: a diocese de Macau, que abrangia a província de Cantão, a qual não era diocese.

(3) Leite, Gonçalves, Borja, Miranda e Mata, sendo estes três últimos eleitos bispos. Gabriel Perboyre dizia que o Colégio de S. José educava «10 chineses e 30 a 40 filhos de Macau, a maior parte externos».

a troca do chinês» (1).

O túmulo do P. Gonçalves jaz na igreja do seminário.

ILHA VERDE

A 15 de Março de 1828, o Pe Borja comprou por \$2.000 a Ilha Verde a Bernardo Gomes de Lemos para servir «de recreio proprio a huma casa de educação». A ilha pertenceu aos jesuítas desde 1603 ou 1604 a 1762, em que passou para a posse de Simão Vicente Rosa.

Em 1833, o P. Leite construiu lá uma casa, uma capela e um muro, pelo que foi louvado pela Rainha D. Maria I em 23-11-1842 (2).

Em 1872, o P. António Luís de Carvalho construiu lá uma capela dedicada a S. António.

A 7-3-1886 foi feito um contrato com Creasy Evens para estabelecer ali a *Green Island Cement Company Limited* que foi reconhecido por P. P. n.º 51 de 10-6-1889. A Companhia faliu em 1930, ficando as casas para o seminário.

O edifício, que servia de secretaria da Companhia, foi aumentado com 45 quartos pelo bispo D. Paulo José Tavares, servindo hoje de Casa de Retiros.

Por Port. n.º 146 de 27-10-1890, o governador Custódio Miguel de Borja aprovou o projecto para a construção dum dique que ligou a Ilha Verde à península de Macau, em frente do pagode Lin-fong-miu, sendo a obra orçamentada em \$23.800.00 (3).

O Senado, em sessão de 29-12-1892 resolveu «dar á avenida sobre o dique que liga Macau à Ilha Verde o nome de «Avenida Conselheiro Borja». Esta obra deve-se ao eng. Adolfo Loureiro (4).

Construção do dique

Foi em 1890. O 1o. ten. da Armada Custódio Miguel de Borja chegou a Macau, vindo de Hong Kong a bordo da canhoneira *Tejo*, tomando posse do governo a 16 de Outubro, que lhe foi dada

(1) *Macau e a sua Diocese*, III, p. 737.

(2) *Macau e a sua Diocese*, I, 213-231.

(3) *Boletim Oficial de Macau*, n.º 44 de 30-10-1890.

(4) *Id.*, n.º 1, de 7-1-1893.

pelo governador interino Cor. Francisco Augusto Ferreira da Silva, que estava à frente da Província desde 13 de Março de 1890, em que se retirara de Macau o Governador Contra-almirante Francisco Teixeira da Silva.

Onze dias após a tomada de posse, Custódio Borja mandava ligar a Ilha Verde a Macau pela Port. n.º 146 de 27-10-1890:

«Tornando-se cada dia mais crescente o assoramento da rada e porto d'esta cidade de Macau, a que, no interesse do commercio e da navegação, urge promptamente acudir, principiando por facultar ao porto interior um outro regimen de corrente que, sendo mais intensa, contribua para que, no fluxo e refluxo das marés, estas vão tão longe quanto possível e conservem desembaraçados os canaes;

Considerando que, para a obtenção d'esta maior intensidade na corrente, forçoso é augmentar-lhe o volume d'agua, o que indubitavelmente deve conseguir-se por meio da construcção d'um dique que ligando a Ilha Verde à península de Macau, em frente do pagode Lin fong-mio, obste a que o regimen da corrente abi se divida em dois, amortecendo-lhe assim uma grande parte da sua velocidade, como ao presente acontece;

Tendo mais em toda a attenção quanto a construcção d'este dique, sob mais de um ponto de vista encarada e em que a hygie-ne e a economia não teem a menor partilha, é proficientemente aconselhada no projecto de melhoramento do mesmo porto, elaborado em 1884 pelo engenheiro Adolpho Loureiro, e mais tarde em 1887 é novamente recommendada por uma commissão então constituida para estudar os meios e propôr os alvitres para praticamente se realizarem tão importantissimas obras;

Tendo ouvido o conselho do serviço technico das obras publicas e com o seu voto unanime:

Hei por conveniente approvar o projecto para a construcção do dique que ha de ligar a Ilha Verde à península de Macau, em frente do pagode Lin fong-mio, e o seu respectivo orçamento na importancia de \$23 800.00, e bem assim, determinar que se dê começo a esta obra, que deverá ser executada em dois annos, dispendendo-se com ella no actual anno economico a quantia de \$12.000,00 por conta do capitulo 1.º artigo 1.º da tabella da despesa extraordinaria decretada para esta provincia».

Na mesma ocasião mandou construir a doca da Barra. Veja-se agora a diferença entre este dique e o da Taipa e Coloane.

Dique da Ilha Verde \$23.000,00 em dois anos (1890-1892).

Dique da Taipa a Coloane de 2 200 metros de comprimento e 7 de largura, 4 milhões de patacas, e mais um milhão e meio pela pavimentação, em 17 meses (1967-1968).

Ótima foi a ideia da construção do dique da Ilha Verde, que foi crismado com o nome de Avenida do Conselheiro Borja; esta começa entre as Avenidas do Almirante Lacerda e de Artur Tamagnini Barbosa, em frente da Estrada do Arco, e termina na Estrada Marginal da Ilha Verde, à porta do Aquartelamento da Ilha Verde.

Parte desta Avenida era outrora conhecida pela designação de Estrada do Dique da Ilha Verde.

Dá-se o nome de Istmo da Ilha Verde à área situada a Leste da Ilha Verde, entre o Canal dos Patos e a Bacia Norte do Patane; trata-se de terreno quase todo conquistado ao mar e nele se acha o Bairro da Ilha Verde.

Em chinês esta área chama-se Ch'eng Chau, a mesma designação que tem a Ilha Verde propriamente dita.

O bispo adianta-se...

Além das razões expostas na Portaria Provincial havia outra oculta na mente do Governador e muito acarinhada por ele: — era fazer da Ilha Verde um lugradouro público, local ideal para piqueniques e passeios, pesca, etc...

Já em 1873 o Delegado do Procurador da Coroa e Fazenda contestara o direito do Seminário de S. José à posse da Ilha Verde, pretendendo fazer dela um logradouro público; mas o Tribunal decidiu a favor do Seminário como se vê do processo de 25 de Julho desse ano.

Quando as obras do dique iam já adiantadas, o enérgico bispo D António Joaquim Medeiros, que não dormia, mandou vedar a Ilha Verde por um muro.

E no dia da inauguração do dique, escreveu ao Governador a felicitá-lo e a oferecer-lhe hospedagem na Ilha.

—«Quando lá quiser ir descansar ou veranejar, é só pedir a chave ao Reitor do Seminário, que terá muito gosto em lhe ser

agradável».

E Custódio Borja enguliu em seco.

No entanto, poderia visitar, quando quisesse, a *prèsqu'île*, como lhe chamava, com licença, é claro, do dono da mesma.

Foi assim que em 1844, a Comunidade Americana lá celebrou a feliz conclusão do I Tratado Sino-Americano assinado nesse ano no pagode Kun Yam, na mesa de pedra que ainda lá está.

O Seminário no tempo dos lazaristas

Ljungstedt, o. c., p. 32, escreve:

«Temos primeiramente de chamar a atenção sobre a munificência verdadeiramente real com que são convidadas todas as crianças de qualquer classe, mesmo a mais humilde, a cultivar o seu entendimento.

Numa escola, as crianças aprendem a ler e a escrever a língua materna, e noutra um professor explica a gramática portuguesa e latina, e continua as suas prelecções sobre a língua latina para benefício daqueles que desejam conhecer as suas belezas. A única despesa que há a fazer é a compra de livros. Alguns frades também empregam as suas horas de ócio em ensinar o português e latim. Não é de admirar, portanto, que quasi todos os rapazes saibam ler e escrever, ainda que raras vezes o fazem sem pecar contra as regras da gramática.

Falaremos agora do centro principal da instrução, em que os descendentes daqueles que se julguem com direito a ocupar o primeiro lugar na sociedade, podem por assim dizer, ser levados pela mão a beber da fonte do progresso mental. Referimo-nos ao *Real Colégio de S. José*, de que foram fundadores os jesuítas. Com a expulsão deles (1762), cessou a actividade desse instituto, que não começou a funcionar de novo senão depois de mais de 20 anos. Em 1784 o governo de Lisboa transferiu este estabelecimento para a «Congregação das Missões» e em 1800 foram definitivamente fixadas as despesas que devem ser pagas pelo Senado. Os sacerdotes pertencentes a este colégio são todos portugueses europeus, geralmente em número de 6; o superior é nomeado da Europa. O fim principal deste instituto é prover a China de sacerdotes; são ali admitidos e sus-

tentados jovens chineses, em número não superior a doze; se eles mostram desejo sincero de ser padres, a sua educação é encaminhada naquela direcção. Precisa-se, geralmente, do prazo de dez anos para que os candidatos possam receber as primeiras ordens. Aqueles cuja vocação é duvidosa esperam por mais tempo, ou abandonam o colégio; os que não são aplicados, ou teem mau comportamento, são expulsos. Os professores ensinam a gramática portugueza e latina, aritmética, retórica, filosofia, teologia etc. Muitos filhos dos habitantes da cidade aproveitam-se dos lições destes professores, ainda que poucos deles se fazem padres. Ensinam-se ali a língua chinesa, e às vezes também o inglês e o francês. Alguns pais que têm meios para pagar uma pequena remuneração mensal pelo sustento dos seus filhos, colocam-nos no colégio como internos, onde os alunos aprendem a falar português genuíno e adquirem, às vezes, aperfeiçoamento da sua intelligência. Alguns meninos jantam no colégio e recolhem-se às suas famílias de noite, outros assistem às prelecções dadas gratuitamente pelos professores em horas determinadas. Em 1815 estavam no colégio oito jovens chineses, dois malaios e 16 rapazes nascidos em Macau. Em 1831 estavam sete jovens chineses, dois rapazes de Manila, cujos pais eram portuguezes, e treze jovens nascidos em Macau».

Decadência do Seminário

Em 1851 escrevia Carlos José Caldeira: «Infelizmente este Collegio das Missões está em grande decadencia, e provavel é que se extinga pela morte do seu actual superior o digno P. Joaquim José Leite, varão respeitavel em virtudes e em sentimentos patrioticos, mas que se acha na avançada idade de mais de 90 annos... Hoje existem só no Collegio o referido superior Padre Leite, o Bispo eleito do Nankim D. José Joaquim Pereira de Miranda, e dois padres (1) vindos do reino em 1849, aliás, muito dignos pela sua piedade e conducta; porém não habilitados para as necessidade da instrucção no Collegio: os collegiaes andam por 12 ou 14 entre Timo-

(1) Estes dois padres eram António Bernardino Barroso e Manuel Lourenço de Gouveia, que não eram lazaristas, mas seculares: não vieram em 1849, mas em 1850.

res, Chinas, e filhos de Macau, que se dedicam ao estado ecclesiastico» (1).

O *Echo do Povo*, n.º 68 de 15-7-1860 confirmava: «Macau, sabemos nós, que vae comprindo o vaticínio (que mais de uma vez hemos feito lembrar) de um jornal de Lisboa, prophetisando que brevemente ia a ser reduzido a uma terra de selvagens; palavras formaes d'essa prophecia.

Isto dizia a *Revolução de Setembro*, há obra de vinte annos a esta parte, por lhe constar que a instrucção publica de Macáu acabava de receber um golpe mortal, com o fallecimento do muito rev. p. Gonçalves; que diria se soubesse do estado lamentavel a que ella hoje se acha reduzida»?!

Quando D. Pedro V subiu ao trono, baixou a carta de lei de 12-8-1856, determinando que se organisassem os seminários do ultramar. Logo a 20 de Dezembro desse anno o bispo D. Jerónimo José da Mata dizia que, devendo ser criado um seminário diocesano para a educação dos seminaristas e jovens de Macau, nomeava reitor do mesmo o P. Gouveia e seu coadjutor o P. Barroso.

O seminário abriu a 6-1-1857, tomando este o ensino da theologia dogmática e philosophia racional e aquelle, a theologia moral; mas Carlos José Caldeira, que os conheceu, dizia que não estavam «habilitados para as necessidades da instrucção no Collegio».

Havia padres chinezes a ensinar latim e chinês, mas nenhum jovem se ordenou sacerdote. O P. Barroso regressou a Portugal; foi então substituído pelo P. Máximo António dos Santos, jovem sacerdote ordenado pelo bispo Mata a 28-2-1852.

O *Echo do Povo*, n.º 68 de 15-7-1860, dá esta triste pintura do seminário nessa época: «Na ascensão ao throno do nosso monarcha o sr. D. Pedro V, com as noticias dadas pelos jornaes de Portugal da parte activa que tinha tomado o jovem monarcha no melhoramento das escolas, ficamos nós os macaenses esperançosos de que esta colonia seria tambem dotada de escolas como as outras provincias do reino; pois que não se podia conceber que Macáo sómente seria exceptuado do beneficio de instrucção, que é hoje a pri-

(1) *Apontamentos d'uma viagem de Lisboa à China e da China a Lisboa*, Vol. I, p. 200-201.

meira necessidade do paiz, e muito mais esperançosos ficamos, quando ouvimos dizer que o governo estava tratando de fazer reviver o collegio de S. José. Mas foi grande a nossa decepção. Vimos inesperadamente estampada na folha official uma portaria do ministerio da marinha e ultramar, accusando a recepção do officio do governador de Macau, no qual participava a inauguração do seminario diocesano no collegio de S. José. Havia então no collegio só dois padres que eram mui conhecidos pelas suas virtudes, mas a fama publica não lhes era mui favoravel quanto à sua aptidão para o magisterio. Para que é pois esse simulacro de seminario? Qual é o fim d'esta farça?

A mesma portaria acima nomeada auctorisava o governador para reunir a escola municipal ao collegio de S. José segundo a proposta feita por elle (governador). Este facto causou no publico em geral uma má impressão. No meu humilde entender Macáo deve ter mais de uma escola de instrução primaria; e além d'isso qual era a utilidade que se podia esperar d'essa reunião, que se effeituou só com o fim de se aproveitar do pequeno fundo que tem a escola municipal, quando o collegio tem fundos sufficientes para sustentar dez aulas como aquella que estava ao cargo de municipio?!

Se eu escrevesse só para Macáo, seria superfluo o descrever o estado do chamado seminario diocesano e o seu pessoal, mas desejo estender para mais longe.

Emquanto ao material o collegio de S. José é um vasto edificio, construido pelos jesuítas, situado n'uma eminencia, com todas as commodidades para conter mais de cem alumnos internos, como já teve em outro tempo; e tem uma cerca para o recreio dos alumnos. Todo o edificio está em muito bem estado de conservação.

Quanto ao pessoal é triste o referir; não ha mais do que um mestre de primeiras letras (o respeitavel anção o sr. Gil) (1), um mestre da lingua ingleza (o sr. J. V. Pereira (2) pediu ultimamente

(1) Joaquim Gil da Costa Pereira, n. em Macau a 23-3-1799, fal. a 9-11-1873; casou em 1.^{as} núpcias com Laureana Isabel da Luz, fal. a 3-4-1834; e em 2.^{as} com Ana Quitéria de Sousa, f. a 16-1-1882, filha de Francisco de Sousa e de Ana Maria Celestina de Sousa.

(2) José Vicente Pereira, dava aos pobres tudo o que ganhava, vindo a falleceu pobre a 20-6-1895.

a sua demissão; dizem que foi por causa do seu salario, que era demasiadamente modico; foi substituído por um jovem, natural de Singapura ou Malaca, que nem sequer sabe faltar o portuguez), e mais dois ecclesiasticos que ensinam o portuguez e o latim, a saber; o sr. p. Maximo (1), que foi admitido n'estes ultimos mezes para substituir o sr. p. Barroso (2), que regressou Portugal, e o outro é o reitor do fantastico seminario, um dos dois padres de quem fiz menção, quando fallei da inauguração do seminario. N'estes dias se tem aberto uma escola de lingua chinesa.

Quanto ao aproveitamento ninguém está mais ao facto do que s. exa. o sr. governador (3), que assistiu aos exames do anno findo, e sahiu de lá muito descontente, por que não encontrou nenhum rapaz que soubesse o portuguez e muito menos o latim».

O nivel da instrução desceu tanto que *O Echo do Povo* de 24-3-1881 dizia: «Notamos com sensível magoa a crassa ignorancia que hoje reina em Macáo.

Não existe n'aquella cidade um só macaense de vinte annos que saiba lêr, fallar, e escrever com acerto a sua propria lingua;

Com os professores actuais, é «querer reduzir os habitantes a uma horda de selvagens.

Dirão talvez que é melhor ser a terra lavrada por burros, que deixal-a inculta—muito bem, se Macáo dependesse ainda da metropole, que nem olha para si, e muito menos caso fará de suas colonias, todas miserabilissimas; porém hoje que a caixa publica está farta, por que não mandam vir do reino professores, que taes se possam chamar?»

O reitor Manuel de Gouveia bombardeava o ministério com officios, pedindo professores competentes.

Escreveu no mesmo sentido a vários amigos, tais como Carlos José Caldeira, que viera para Macau em 1850 e aqui havia sido redactor do *Boletim do Governo*; e ao P. António Bernardino Barroso,

(1) O P.^e Máximo Maximiano Maher n. em Macau a 26-7-1803, sendo filho de Jerónimo Lourenço Maher e de Ana Maria Rosa; foi ordenado sacerdote em Dez. de 1826.

(2) O P. António Bernardino Barroso n. a 4-4-1811 em Três Minas, povoação de S. Miguel, conc. de Vila Pouca de Aguiar, dist. de Vila Real.

(3) Isidoro Francisco Guimarães, Governador de Macau (1851-1863).

que era então noviço da Companhia de Jesus, pedindo-lhe que lhe obtivesse do P. Carlos Rademaker, Superior da mesma Companhia em Portugal, ao menos «dois Padres, um para filosofia e francês, e outro para português e aritmética e princípios de geometria».

Vendo que não era atendido, o P. Gouveia pediu a demissão do seu cargo.

Em 1862, havia no seminário um aluno interno, 8 ou 9 externos que estudavam latim e algumas crianças em primeiras letras.

Quanto a clero, havia em Macau dois sacerdotes europeus (Gouveia e Barroso), 6 ou 7 chineses, alguns macaenses e nem um só cônego!

Perante tanta miséria, o Governo consentiu em que os jesuítas viessem para Macau.

O bispo resignatário de Macau, D. Jerónimo José de Mata, achava-se na sua terra natal, Arnoia, do concelho da Certã; foi ali que em 3 de Dezembro de 1861, assinou as provisões da nomeação dos padres jesuítas Francisco Xavier Rôndina e José Joaquim d'Afonseca Matos para professores do seminário.

O Seminário sob os Jesuítas ⁽¹⁾

1862-1871

A instâncias do bispo Mata, o Ministro da Marinha deu-lhes passagem para Macau. Acerca desta passagem escrevia João Baptista Gomes no jornal *O Independente* de 25 de Julho de 1883:

«Foi o meu pae (*João Baptista Gomes*) que fez, a pedido do sr. padre Gouveia, o adiantamento das passagens dos padres jesuítas, que tão dignos professores foram depois no seminario de S. José... Neste adiantamento, que importou muito mais de tres contos, perdeu o meu pae mais de \$400, porque estava recebendo de Lisboa o seu dinheiro em letras do governo ao cambio de rs. 850, e do seminario não quis aceitar o pagamento senão a rs. 1.000 por \$, o que somente fez para beneficiar a instrucção publica».

Embarcaram a 1 de Janeiro de 1862, aportando a Macau a

(1) Sobre este período, leia-se *Um Brado pela Verdade*, por Leôncio Ferreira, Macáo, 1872.

25 de Março.

O reitor do seminário, Pe. Gouveia, oficiava em 25 de Setembro de 1862 ao Ministro da Marinha e Ultramar:

«Graças ao Governo de Sua Majestade que attendendo á representação do digno Prelado Diocesano e ás minhas repetidas supplicas, lhe enviou o valioso socorro de dois ecclesiasticos dignos por sua sciencia e virtudes, para n'elle desempenharem os deveres do magisterio.

Apenas aqui chegaram estes dois professores tão anciosamente esperados principiou logo a acudir um grande numero d'alumnos externos e outros que pretendiam ser internos pensionistas (1). Para estes ultimos foi-me necessario adaptar a casa, fazendo algumas obras, e por isso só pude recebê-los em 8 de Junho, havendo n'esse dia função solemne da abertura do internado a que assistiram as auctoridades civis e ecclesiasticas com grande concurso de povo. Desde então para cá tudo tem corrido optimamente, antevendo-se para este estabelecimento um futuro esperançoso, que desejam ver realzado pela sympathia que merece aos principaes cavalheiros d'esta colonia, e ainda das vizinhas colonias inglezas, que pela mor parte outr'ora n'elle receberam a educação e instrucção de que gosam. O numero dos alumnos internos é por emquanto de 41, sendo todos pensionistas, excepto 7 jovens chinezes de Cantão que foram recebidos por conta do fundo das missões. Os externos são já passante de 150, andando assim uns e outros por 200, distribuidos todos pelas aulas de 1.^{as} lettras, portuguez (1.^a e 2.^a classe), latim, francez, inglez, elementos de mathematica, historia e geographia, philosophia racional e moral e physica, para não fallar nas aulas accessorias, como musica, etc.

Sobre este ponto poderei mais circunstanciadamente fallar a V. Ex.^{cia} n'outra occasião.

(1) Quando os jesuítas chegaram ao Seminário, havia apenas 9 externos que estudavam latim, algumas crianças de primeiras lettras e um interno, Manuel José Maria Gonçalves da Silva. n. em Ponte da Barca em 1850, fal. em Macau em 21-10-1885, filho de Elias José da Silva e de Antónia Maria Gonçalves.

Sua Ex.^{cia} o Snr. Governador (1), que poucos dias depois de chegar da embaixada de Pekim, veio visitar este estabelecimento, examinando-o por miudo, não deixará sem duvida de dar a V. Ex.^{cia} conta imparcial do que n'elle encontrou.

O que é certo, e me atrevo a affirmar-o a V. Ex.^{cia} é que tanto eu como os P.^{es} que me coadjuvamos nos esforçamos deveras, segundo nossas forças, em fazer reviver este padrão de antiga gloria portugueza no Oriente—o Seminario de S. José; e estamos confiados em que receberemos de V. Ex.^{cia} e do Governo de Sua Majestade o apoio devido. Uma das coisas que mais falta nos fazem é sem duvida a presença d'um sabio e zeloso Prelado que nos dirija e anime no plano que temos concebido de retomar ao menos parte de nossas antigas missões. Quanto mais tempo se deixarem nas mãos da Propaganda e dos religiosos estrangeiros, sem tractarmos de cumprir nosso dever, mais se irá difficultando o accesso d'ellas aos nossos missionarios. Em Cantão, por exemplo, que nos pertence, até se está erigindo uma soberba cathedral á custa do Imperador Napoleão, que já deu para ella \$209:000 francos, e debaixo da protecção da Imperatriz».

Em 8 de Junho abriram as aulas do Seminario com os seguintes professores: Pe. Francisco Xavier Rôndina (2), que ensinava retórica, filosofia racional e moral e teologia dogmática; Pe. José Joaquim d'Afonseca Matos (3), francês, portuguez e literatura; Pe. Faria, gramática portugueza e latina; José Martinho Marques, chinês; o menorista António Lopes, prefeito dos alunos, dava rudimentos de latim e portuguez; o Pe. Tomas Cahil, que mais tarde, ensinava inglês; havia ainda no seminário a aula de Instrução Pública ou Primária do Governo e a de Pilotagem, também á custa do Governo, sendo professor desta última o tenente honorário da Armada Francisco Joaquim Marques.

(1) Isidoro Francisco Guimarães, governador de Macau e ministro plenipotenciário junto das cortes da China, Japão e Sião (1851-1863). o qual conseguiu negociar um tratado com a corte de Pequim, que nunca foi ratificado.

(2) Homem cultíssimo, o P. Rôndina publicou muitas obras (Vid. *Macau e a sua Diocese*, VII, 558-559).

(3) O P. Matos publicou em Macau, em 1865, um *Compendio de grammatica portugueza, colligida e ordenada para uso dos alumnos do seminario de Macau, por um professor do mesmo*.

Os pensionistas, então admitidos, foram 29, elevando-se a mais de 40 antes do fim do curso; os externos andavam à roda duns 160. O total, em 1864, era de 216, matriculando-se 377 em 1870.

Uma das glórias do Seminário é ter instruído nas primeiras letras o Marechal Gomes da Costa, que em 1922 ofereceu o seu retrato com esta dedicatória: «ao Seminário de S. José, onde aprendi as primeiras letras». Nas suas *Memorias* escreve ele: «...o seminário de S. José que eu frequentava e onde gozava de uma particular protecção dos bons padres, por ser europeu... Foi meu Pai que me ensinou a ler e logo que o fiz correctamente, passei a frequentar o Seminário de S. José com entusiasmo e ali fiz um primeiro exame; não tenho a consciência de que fosse um bom exame, mas a protecção que me dispensaram de certo permitiu que me premiassem com uma selecta camoneana, que eram os Lusíadas, expurgados das passagens que os Padres reputavam escabrosas e que podiam despertar a curiosidade à rapaziada.

As recordações que tenho do Seminário, são excelentes: os professores, quasi todas padres, eram bons para nós e os recreios alegres numa vasta cerca com grandes árvores (1).

Em 1865, chegaram mais dois jesuítas para professores do Seminário: os PP. Domingos Pereira e José Vergili.

Estes professores jesuítas levantaram tão alto a instrucção em Macau que o amor pelo estudo e pela boa leitura se tornou vulgar entre os macaenses, procurando vários deles o ingresso nas universidades da Índia e da Europa.

Caminhava tudo de vento em popa quando os ares se turvaram. Em Novembro de 1867, foi à Europa o Pe. Manuel L. de Gouveia, sendo nomeado reitor interino o Dr. António Luís de Carvalho, nada affecto aos jesuítas; este exerceu o seu cargo de 28 de Novembro de 1867 até 24 de Agosto de 1868. Neste curto intervalo succederam no seminário factos desagradáveis, a que se refere a *Correspondência de Portugal*:

(1) Marechal Gomes da Costa—MEMORIAS, com um prefácio do Dr. Conselheiro Ayres d'Ornellas e um posfácio do Sr. Coronel Ferreira do Amaral, 1930, Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira e C.^a (Filhos). Restauradores, 17 — Lisboa, pgs. 5 e 7 XIX+253 pgs. 11,5+18,

«Em 1868, sendo ministro da marinha (o ex-governador de Macau José Rodrigues Coelho d'Amaral (1), tendo havido algumas perturbações internas no seminario durante a gerencia interina do referido sr. conego Antonio Luiz de Carvalho, que decidiram os professores estrangeiros a residirem fora do seminario; o sr. ministro Coelho d'Amaral, conhecendo bem as circumstancias d'aquelle estabelecimento, quiz remedear taes perturbações, instando com o antigo reitor o reverendo padre Gouvea para que voltasse immediatamente para Macau a reassumir seu cargo; ao que aquelle annuiu, e partiu em Junho do dito anno, na companhia do novo governador o sr. Antonio Sergio de Sousa.

Chegou a Macau em Julho de 1868, tomou novamente o governo do seminario, e com satisfação geral voltaram os professores a residir n'elle. O sr. conego Antonio Luiz de Carvalho, não querendo continuar como professor, despeitado voltou logo para Portugal, onde ainda está hoje, tendo sido em Setembro ultimo escolhido pelo sr. arcebispo de Goa, ou verdadeiramente pelo ministerio da marinha, para governador do bispado de Macau».

Isto é o que afirmava a *Correspondencia de Portugal*, mas o P. Vergili falava em tom bem diverso: «Apenas chegou o P. Gouveia, a guerra contra nós tornou-se mais forte e mais obstinada. Os nossos inimigos fizeram-se mais corajosos, a ponto de impedir o P. Gouveia de tomar posse (2). Nem de tomar posse se fala ainda na ocasião em que escrevo. As autoridades não se sabe o que pensam. O novo governador (3) vai dando largas ao tempo, a ver se pode deixar o P. Carvalho com o P. Gouveia e o Superior Ecclesiastico (4) não toma empenho algum em por termo a este negocio».

O P. Acácio Casimiro, que cita esta carta, informa ainda: «Os três anos que durou ainda a permanência dos jesuítas em Macau foram fecundos em desconsiderações e vexames, não faltando por

(1) Coelho do Amaral foi governador de Macau de 1863 a 1866; foi ele que succedeu a Isidoro de Guimarães.

(2) O P. Gouveia tomou efectivamente posse do cargo de reitor a 26 de Agosto de 1868.

(3) Sérgio de Sousa.

(4) Era Governador do Bispado o P. Jorge António Lopes da Silva (*Macau e a sua Diocese*, II, 430), o «tal superior ecclesiastico», a quem alude o P.^e Vergili.

vezes pérfidas calúnias. A situação tornara-se insustentável ao findar o curso de 1860. «Sabendo-se que íamos partir, escrevia a 3 de Janeiro de 1870 o P. Cahill, o governador pediu que ficássemos por mais algum tempo, o que julgámos prudente consentir a fazer (sic)... A Câmara de Macau manda um telegrama hoje para pedir que o governo de Portugal não nos obrigue a deixar a cidade, que está inteiramente a nosso favor» (1).

Mais eis que aparece no *Diário do Governo* de Lisboa o mal-fadado decreto de 20 de Setembro de 1870, ordenando a reorganização do seminário de S. José, criando os cursos preparatório e eclesiástico e legislando sobre a dotação, inspecção, administração e direcção do mesmo, excluindo do ensino os professores estrangeiros. Como a maioria dos jesuítas eram estrangeiros, (Cahill, Rôndina, Virgili, sendo português apenas o P.^e Pereira de Albuquerque), a retirada deles equivalia a fechar o seminário.

O P. Acácio Casimiro, o. c., nota:

«Os novos estatutos do seminário foram publicados pelo ministro Sá da Bandeira, sem ter ouvido para nada o Bispo (2), que o próprio Governo apresentara para a diocese de Macau (F. de Almeida, *Hist. da Igreja*, IV, parte IV, pg. 3). Em provisão de 15 de Setembro de 1870, assinada de Cantanhede, o metropolitano Arcebispo de Goa, D. João Crisóstomo de Amorim Pessoa, nomeava o Dr. Carvalho para suceder no cargo de Governador do Bispado de Macau ao R. P. Jorge António Lopes da Silva, falecido pouco antes. (Os bons católicos consideram esta nomeação como um castigo que Deus deixa cair sobre a cidade. Só os pedreiros livres, os liberais, os nossos inimigos e os da religião é que se regozijam). Cahill, carta de 7 de Novembro de 1870. (O anúncio da nomeação não causou alegria senão entre aqueles que são ou abertamente ímpios ou miseravelmente fracos). Idem, carta de 12 de Dezembro de 1870.

O presidente do Leal Senado, comendador Lourenço Marques, telegrafou para Lisboa: «Ministro da Marinha e Ultramar.—Lisboa.—

(1) P. Acácio Casimiro, S. J., *A Primeira Restauração da Companhia de Jesus em Macau*, in Boletim EDM., Out.-Nov. 1964, p. 912.

(2) D. João Maria Pereira do Amaral e Pimentel resignou o bispado de Macau por o governo não o ter consultado sobre os estatutos do seminário, promulgados pelo dec. de 20-9-1870. (Vid. *Macau e a sua Diocese*, II. 435).

Os actuais professores do seminário querem retirar-se de Macau por serem estrangeiros. Grande comoção na cidade. Peço em nome do povo providências para conservar aqueles professores, que são os únicos em Macau que são verdadeiramente úteis, e sem os quais a instrucção ficará abandonada, porque será difícil substitui-los por outros, pois haverá poucos professores ilustrados e dignos que queiram vir para terra tão distante».

A 26 de Dezembro de 1870, a população sensata de Macau dirigiu uma extensa representação ao governador a favor dos jesuítas e o P. Gouveia oficiava-lhe no mesmo sentido, comunicando-lhe que, pretendendo abrir as aulas em Janeiro de 1871, via-se sem professores, pois ninguém aceitava esse cargo e assim só poderiam reabrir as de português e chinês, o que seria irrisório.

O P. Faria falecera em Novembro de 1870; o P. Domingos Pereira de Albuquerque achava-se gravemente doente; os PP. Rôndina, Cahil e Virgili eram estrangeiros.

De nada valeu a seguinte representação assinada por 360 pessoas: Illmo. e Exmo. Sr. Governador de Macáo — Os baixos assignados, moradores portuguezes de Macáo, sendo informados que os reverendissimos professores do seminario diocesano, os srs. padres Rôndina, Cahill, Virgili e Pereira, que tão uteis teem sido a esta colonia, vão retirar-se brevemente d'esta cidade, em consequencia das novas disposições do decreto de 20 de Setembro ultimo, principalmente da dos art. 14.º e 18.º § unico, que inibe a estrangeiros de exercerem o magisterio n'aquelle seminario (exclusão esta tão contraria ao espirito d'este seculo), e antevendo os abaixo assignados que por falta d'estes eximios professores ficará abandonada a instrucção publica d'esta colonia, o que seria a maior calamidade que lhe pode sobrevir, por isso recorrem respeitosamente a V. Exa. por meio d'esta representação, certos de que V. Exa. não deixará de dar mais uma prova de amor a esta colonia, salvando-a com prompto remedio de um mal tão calamitoso.

A cidade de Macáo, esta colonia tão leal e devotada a Portugal, como o prova a sua historia viu-se por mais de trinta annos privada de escolas regulares, e os seus habitantes, os mais abastados se vião obrigados a apartarem de si os seus filhos desde a tenra idade, para os mandarem ás colonias inglezas de Singapura, Bom-

baim, e Calcutá, para ahí mendigarem a instrucção que lhes negava a patria.

Felizmente, porém, com a vinda dos actuaes professores, começou o seminario diocesano a funcionar, desde 1862, com grande aproveitamento dos macaenses, e com este grande desenvolvimento da instrucção, inaugurou-se uma nova era de felicidade e de esperanças para esta colonia, que mais do que nenhuma outra precisa de uma instrucção publica bem desenvolvida, porque a sua posição excepcional colloca os naturaes d'ella na necessidade de só poderem ganhar a vida exercendo misteres que requerem alguma cultura intellectual e o conhecimento de linguas estrangeiras, e por isso se vê com evidencia, que negar aos macaenses os meios de se instruirem, é o mesmo que tirar-lhes os meios de subsistencia. Por isso os abaixo assignados, conhecendo por uma triste experiencia que são muitas e quasi insuperaveis as difficuldades de fazer vir a esta terra, que tão distante fica dos centros de civilisação europea, professores tão abalissados e morigerados, como são os acima mencionados, e querendo evitar a lugubre desgraca de ver novamente submergida nas trevas da ignorancia a mocidade de Macáo pedem a V. Ex.^a se digne suspender ao menos a execução dos art. 14.^o e 18.^o § unico do decreto de 20 de setembro ultimo (1), e se digne tomar as providencias necessarias para conservar n'esta colonia os professores acima mencionados, que tantos beneficios teem já feito a Macáo, e de cujo zêlo muito ainda se pode esperar; portanto,—PP. a V. Ex.^a se digne deferir no pedido pelo que os macaenses conservarão sempre grata memoria d'este grande beneficio—E. R. M.—Macáo 26 de dezembro de 1870» —(Seguem-se 800 e tantas assignaturas).

A 26-12-1870, o P. Gouveia officiou ao Governador dizendo que, pretendendo abrir as aulas em Janeiro de 1871, viu-se sem professores: o Pe. Faria faleceu em Novembro de 1870; o Pe. Domingos Pereira de Albuquerque achava-se gravemente doente; as PP. Rôndina, Cahill e Virgili eram estrangeiros.

(1) O Art. 14 dizia: «O reitor, professores e prefeitos serão sempre ecclesiasticos portuguezes».

O Art. 18, § unico: «As primeiras nomeações poderão ser feitas sem concurso, recaindo sempre em cidadãos portuguezes devidamente habilitados» (Bof. Of. de Macau, Vol. XVI, n.^o 48, de 28-11-1870, p. 20).

O governador respondeu:

«Ilmo. Sr. Em resposta ao officio de 26 de Dezembro de 1870, encarrega-me Sua Excia. o Governador de dizer-lhe que se sente magoado com a leitura do seu officio, pois em vista dêles, não poderão abrir as aulas mais necessarias dêsse Liceu, ficando cortada a carreira dos alunos que o frequentam.

Que na immediata retirada dos professores, que não são portuguezes, vê S. Excia. um melindre da parte dêles bem justificado, como tendo efeito retroactivo e no seu sentido mais lato; mas, tendo morrido, e mesmo desistido alguns dos professores nomeados e não tendo este governo recebido ordem alguma, pela qual se possa entender que os actuais professores devam deixar de exercer o magisterio para que legalmente se acham nomeados e teem exercido com reconhecido proveito do publico, V. Excia. lhes signifique, da parte do mesmo Exmo. Snr., que prestarão um bom e util serviço àquele collegio se espaçarem por mais algum tempo a sua retirada, não só para que as aulas possam funcionar, no ano lectivo que vai abrir-se, como para que em vista das ordens que Sua Excia. haja de receber do Govêrno de Sua Majestade, a seu respeito, êles possam então tomar a deliberação que julgarem mais conveniente.

Que finalmente, o seu character sacerdotal lhe faz confiar em que êles se não negarão a prestar mais êste serviço à juventude desta colonia, o que pelo Govêrno será tomado na maior consideração.

Deus guarde a V. S.^a

Secretaria do Governo em Macau, 28 de Dezembro de 1870.

Ilmo. Sr. Reitor do Seminario de S. José.

(ass.) Henrique de Castro, Secretario Geral».

No dia seguinte, o superior P. Cahill respondeu ao governador: «Ilmo. e Exmo. Snr. Tendo-me o Revdo. Reitor dêste Seminario significado ser desejo de V. Excia. que os professores estrangeiros continuem por mais algum tempo a exercer o magisterio no mesmo Seminário, visto que se nos retirassemos immediatamente, ficaria interrompida a carreira dos alunos; tenho a honra de participar a V. Excia. que nos prestamos com tôda a promptidão a êste seu desejo.

Ao mesmo tempo agradecemos com tôda a cordialidade e gratidão, o aprêço que faz V. Excia. de nossos pequenos serviços, assegurando a V. Excia. que só sentimos não poder prestar ainda mais

serviços a uma cidade que sempre nos há tratado com tanta bondade, e a alunos em que temos invariavelmente achado uma correspondência cordial.

Deus guarde a V. Excia.

Macau, 29 de Dezembro de 1870.

Ilmo. e Exmo. Sr. Antonio Sergio de Sousa, Almirante e Governador de Macau e Timor.

(Ass.) P. Tomás Cahill»

O governador respondeu a P. Cahill:

«Ilmo. e Rmo. Sr. Acabo de receber o officio em que V. Rma. me annuncia que os professores estrangeiros do collegio de S. José continuarão por mais algum tempo no exercicio do seu magisterio, e que por isso não serão prejudicados os alunos que actualmente ali cursam os seus estudos.

Penhorado pela sua benevolencia, rogo a V. Rma. aceite e se digne transmitir ao Sr. P. Rondina e mais Ecclesiasticos os protestos da maior consideração com que sou de V. Rma.

o mais affectuoso criado.

29 de Dezembro de 1870

Antonio Sergio de Sousa»

Os jesuítas ficaram a leccionar mais um anno; mas de 377 alunos do anno antecedente, haviam baixado para 270, devido à efervescência dos espiritos. O curso terminou em Junho. A 18 de Agosto de 1871, aportou a Macau no vapor alemão *Sedan* o novo governador do bispado Dr. Cavalho, com os novos professores do seminário, desembarcando no dia 19. Neste mesmo dia, os últimos jesuítas—Cahill e Pereira, partiram para Hong Kong.

Quanto aos serviços prestados por estes jesuítas a Macau escreve Leôncio Ferreira:

«O reverendo p.^e Francisco Xavier Rondina pregava, quasi sempre gratuitamente, em toda a parte e todas as vezes que o convidavam; seus discursos cheios de unção, convincentes pela robustez logica dos argumentos e atrahentes pelas esmeradas galas da mais pura e bela eloquencia, enchiam o templo de fieis, que corriam pressurosos a ouvi-lo, porque tinham a certeza de que voltariam para suas casas com algum novo conhecimento, com alguma ideia mais

bem esclarecida, ou com desejos de se aperfeiçoarem no caminho da virtude.

Três dos seus discursos foram aqui impressos. Um d'elles foi recitado no ultimo dia no triduo celebrado em desagravo da injuria feita a Nosso Senhor Jesus Christo por Ernesto Renan; um outro foi recitado em Sanchoam, junto do Sepulcro do grande thaumaturgo S. Francisco Xavier; e o outro foi recitado na festa do 25.º anno do pontificado de Pio IX.

E o que diremos da sua aprimorada obra de philosophia racional, que elle escreveu, sendo estrangeiro, em a mais pura e correcta linguagem portugueza, para os jovens macaenses que desejassem estudar esta sciencia; obra que já tem sido muito elogiada por muitos jornais do reino, de um modo tão brilhante quanto honroso para o seu Autor?

Pedimos ao Sr. marquez de Sá da Bandeira, e a todos aquelles que, levados por más informações, tem desconsiderado a este bom padre, que leiam esses discursos e essa obra, e digam, com a mão na consciencia, se não é uma injustiça, uma barbaridade, um absurdo até, expulsar d'um seminario portuguez um sacerdote, que maneja com tanta eloquencia a lingua de Camões, meramente por um futil e redicullo pretexto de ser estrangeiro!...

Foi o Pa. Rondina quem sugeriu a iniciativa de abrir um asilo dos orphãos no seminario, e foi um dos mais infatigaveis em promover meios para sustentar estes innocentes desvalidos.

Foi o p.^e Rondina director incansavel, por alguns annos, do ensino dos alunos do seminario.

Foi o p.^e Rondina quem introduziu em Macao os exercicios espirituais para os jovens e para os seculares em geral, o que tem produzido um immenso bem espiritual.

Foi o p.^e Rondina quem promoveu as romarias para o sepulchro do Apostolo do Oriente, S. Francisco Xavier, na Ilha de Sanchoam.

Foi o p.^e Rodina quem mandou vir de Lisboa o professor de desenho e pintura, o Sr. Ferreira, que tão util tem sido a Macao, e que tantos discipulos deixou.

Foi o p.^e Rondina quem fez vir de Roma o maestro Luigi Antinori, para aqui introduzir o bom e verdadeiro gosto da musica.

Foi o p.^e Rondina quem animou alguns jovens a seguirem as profissões liberais.

Foi o p.^e Rondina director espiritual do collegio das irmãs de caridade desde a sua fundação.

Estes e outros serviços, que poderíamos enumerar, foram prestados por elle com o maior desvelo e amor, e com todo o desinteresse.

O r.^{do} p.^e José Joaquim d'Affonseca Mattos tambem era excellente orador, pregava com muita eloquencia todas as vezes que para isso o convidavam, tinha grandes conhecimentos sobre a litteratura portugueza, e era profundo conhecedor da sua propria lingua; visitava muitas vezes os hospitaes; e sempre prompto corria á cabeceira dos doentes que d'elle necessitavam, a toda hora que o chamavam. Soccoria com o pouco de que podia dispor a todos os pobres que fossem bater á sua porta. Ensinava com desvelo e amor os seus discipulos, e muitos d'estes teem aproveitado muito das disciplinas que elle leccionava.

O r.^{do} p.^e Cahill, ainda que estrangeiro, pregava em portuguez com muita fluencia; fez algumas conversões de pagãos e protestantes; por muito tempo serviu gratuitamente de capellão dos presos da fortaleza do Monte; e era muito esmoler.

O r.^{do} p.^e Virgili desempenhou por muitos annos o fastidioso cargo de prefeito dos alumnos internos e foi quem educou e instruiu os seminaristas chinas que em breve talvez se hão de ordenar. Era muito abalizado em theologia e mathematica.

O r.^{do} p.^e Pereira era muito procurado para confessor e director espiritual principalmente dos enfermos, a cuja cabeceira tem elle vellado às vezes noites inteiras; era tão mortificado como cheio de unção, modestia e caridade que edificava a toda a cidade.

Todos estes bons e virtuosos sacerdotes liberalisavam esmolas segundo as suas minguadas posses! ouviram de confissão um grande numero de penitentes; estavam sempre promptos ao mais leve chamamento dos doentes; baptisavam e remiam um numero immenso de crianças pobres dos chinas; emfim, onde estava a desgrça e onde havia lagrimas, ahi se achavam elles tambem para socorrer, animar e consolar.

Como ministros do altar, foram elles incansaveis e austeros

no cumprimento de seus deveres, e era isto uma verdade tão innegavel, que ainda não temos ouvido nem os seus maiores inimigos deprimil-os a este respeito.

Como professores prestavam á mocidade estudiosa relevantes serviços, que a posteridade ha de lembrar sempre e abençoar» (1).

O Seminário secularizado

A 18-8-1871 desembarcaram em Macau do vapor *Sedan* as seguintes pessoas: Dr. António Luís de Carvalho, Gov. do Bispado, João Albino Ribeiro Cabral, prof. do Seminário, Francisco António Fernandes, prefeito dos alunos, Francisco Jerónimo Luna, cor. de eng. e director das Obras Públicas, Dr. Francisco da Silva Magalhães, cirurgião de 2.^e cl. e prof. do Seminário, José Vicente da Costa, aluno e prefeito dos alunos órfãos do Seminário, Francisco Pedro da Conceição Carmo, mordono do Seminário, Baltazar Castiço Viana, aluno do Seminário e Luís Filipe de Vila-Oz, bedel do Seminário.

Tais eram os homens que vinham substituir os jesuítas, que nesse mesmo dia abandonaram o Seminário.

A 26 desse mês, o Cón. Gouvea entregou a reitoria ao P.^e Carvalho, saindo nesse mesmo dia do Seminário.

Nesse ano lectivo de 1872, matricularam-se 326 alunos, ficando aprovados apenas 81.

Os Professores eram os seguintes: Dr. Magalhães, física e francês; Cabral, latim e português 1.^o ano; Pe. António Maria Augusto de Vasconcelos, português 2.^o ano; Teodósio Rodrigues, filosofia e inglês 1.^o ano; Mariano Álvares, inglês 2.^o ano; Pedro Nolasco da Silva, mandarim; Manuel da Silva; instrução primária, classe superior; Carlos José Caldeira, Jr., instrução primária, classe inferior; Francisco Joaquim Marques, náutica.

Como se vê, neste Seminário secularizado, havia um só sacerdote, Vasconcelos, e este liberal e inimigo dos jesuítas. Que ridículo ver o jovem leigo Cabral a ensinar latim por falta de padres!

O *Diário Nacional* dizia: «Os macaenses, já não acham actualmente seriedade no ensino e na educação no seminario. Já o previam quando o povo e o senado, pediram ao governo da metro-

(1) *Um Brado pela Verdade*, 18-21.

pole que não affastasse d'ali os professores, que tão habil e dignamente satisfaziam as obrigações dos seus cargos. Agora os moradores de Macau manifestam seu desgosto...» (1).

A 31-1-1873, foi nomeado prof. de música, vocal e instrumental no seminário, com o salário mensal de \$20, o maestro Luigi Antinori, que fora mandado vir de Itália pelo P. Rôndina e ali ensinara 10 anos; mas faleceu no seminário a 1-6-1873.

O novo prof. de música foi José Penati, de Milão, que chegou a Macau a 4-2-1874; sucedeu-lhe o P. Miguel Antonini, piemontês, que ensinou também inglês; mas em 1877 foi ele suspenso e expulso de Macau pelo bispo D. Manuel Bernardo de Sousa Enes.

O P. Carvalho adquiriu para o seminário a esplêndida coleção de música sacra do espólio do falecido Antinori.

A 2-7-1872, fundou no Seminário um asilo de órfãos e no ano seguinte criou uma oficina de encadernação para eles poderem ganhar com essa arte o seu pão.

Em Outubro de 1872 construiu na Ilha Verde uma casa de campo com uma capela dedicada a S. António.

A 5-5-1873, Pedro Gastão Mesnier foi nomeado prof. de introdução à história natural e de física, em substituição do P. Sérgio Antão Álvares, que regressou doente a Portugal.

O espanhol D. Ramon de S. Coloma foi nom. prof. de desenho e pintura, passando a residir no Seminário.

A 23-11-1873, chegou a Macau o P. Carlos Joaquim Gonçalves dos Santos, nom. prof. do Seminário.

O P. Manuel Maria Alves da Silva comenta: «não obstante a actividade verdadeiramente febril e o ardor e empenho acrýsolados do Rev.^{do} Reitor por tudo quanto dizia respeito ao bem e prosperidade do Seminário de S. José; apesar de toda a intelligencia e boa vontade que tinha o Rev.^{do} P. Carvalho pelo augmento de tão util

(1) Um comentador coevo observou: «Segundo o Regulamento há 7 mezes de farias — a saber: 15 d. no Natal, 15 na Paschoa, 3 no Carnaval, todos os domingos e quintas-feiras, ou seja, 104 dias—trez mezes de 1.º de Junho a 8 de Setembro, afora os dias santificados e de Gala. Parece-me demasiado para um estabelecimento de instrução secundaria! Total 237 dias feriados e 128 dias d'aula. Isto é que é progresso!!! Que grande talento que deve ser o que compoz os Estatutos Regulamentares do Seminario de S. José. Safa!!!...»

estabelecimento, a parte moral e intellectiva delle definhava a olhos vistos, devido a muitas causas (1). Também lhe não eram favoráveis, a idéa e o conceito das pessoas circunspectas e graves da colonia que enviaram seus filhos para a Europa ou para outras colonias afim de se educarem. Datava da sahida dos padres da Companhia do Seminário de S. José este resfriamento ou despeito da opinião publica.

Certamente que o pouco pessoal ecclesiastico que tinha o reitor e a introdução de professoras seculares no Seminário arrefeciam naturalmente aquelle espirito de fé e piedade que é tudo num estabelecimento d'esta natureza, e que por nada se dissipa, quanto mais tendo todas estas causas (2).

Noutro lugar escreve o mesmo P. Alves da Silva acerca da reitoria do Dr. Carvalho: «Durante toda a sua gerência não formou um só sacerdote, sabendo muito bem que toda a gloria e lustre d'esta diocese se synthetisa no bom espirito e zelo apostolico dos seus missionarios de que o Seminario deve ser esperançoso viveiro.

A sua tenacidade em oppor-se aos padres da companhia de Jesus, que se revela em quasi todos os relatorios que elaborou para o Ministro da Marinha e Ultramar e a quasi secularisação d'este Seminario, dão a medida da acanhada orientação de espirito em que o precipitou talvez o meio e as pessoas de que se fez cercar» (3).

D. Manuel Bernardo de Sousa Enes, eleito bispo de Macau em 1873 e confirmado em 1874, nomeou governador do Bispo o deão Manuel Lourenço de Gouvea, a quem o Dr. Carvalho entregou o Seminário a 8-7-1875.

A 10 desse mês, o deão Gouveia nomeou reitor o P. António Joaquim de Medeiros.

O Seminário tomou nova vida com cinco missionários vindos do Sernache do Bonjardim e o zelo apostólico do novo reitor. Muitos jovens macaenses internaram-se no Celégio, outros matricularam-

(1) Leôncio Ferreira dizia que o P. Carvalho, sendo catholico apostolico romano, não se deveria oppor aos religiosos. Um comentador coevo escreveu à margem: «Parece que é antes padre catholico liberal do que padre catholico apostolico romano, o que é bem differente» (Ob. cit., p. 68).

(2) *Boletim E. D. Macau*, Jan. 1906, p. 163-64.

(3) Id. o. o., Julho de 1907, p. 18.

-se como externos.

Foi nomeado prefeito o P. Anacleto Cotrim da Silva Garcez, sendo substituído em 1876 pelo P. Alves da Silva, que também ensinava português 2.º ano; o P. João Gomes Ferreira, matemática; o P. Sebastião Maria Aparício da Silva, contabilidade, sendo também director espiritual; o P. Joaquim Inácio, preparatórios e teologia.

No seu discurso de 10-9-1876, na distribuição de prémios, o P. Medeiros informou que havia 16 seminaristas (todos admitidos nesse ano), excepto 2 teólogos, entre eles contavam-se 5 timorenses e 4 chineses (1).

Descida de nível

A 2-1-1877 chegou o bispo Enes, que se instalou no Seminário e foi isto que fez arrefecer a nova chama que lá se havia acendido. Como o reitor e os professores viam a sua acção coarctada pela interferência do prelado, começaram a debandar. Este caiu então no erro de nomear vice-reitor o seu sobrinho.

Escreve o P. Alves da Silva: «No Seminario de S. José as cousas caminharam muito bem, e animamente percorriam, cheios de ardor, os moços de Macau, os differentes estadios dos estudos humanos, durante os anos de 1875, 1876 a 79; neste anno, porem, as cousas começaram a afrouxar; já antes, querendo dar ás cousas o impulso que desejavam e não o podendo conseguir, os Revdos Padres Joaquim Ignacio e João Gomes Ferreira pediram ao Prelado para os enviar ás missões de Timor afim de se unirem aos seus collegas naquella missão. Para lá partiram em 1879.

No Seminario foi nomeado Vice-Reitor o Rev.^{do} Padre Francisco Teixeira Soares de Sousa Ennes, sobrinho do Prelado, e prefeito o ordinando minorista Francisco Maria d'Abreu Caldeira (2).

Com a saída destes profesores, o nível desceu.

(1) Bol. Of. de Macau, n.º 39 de 23-9-1876.

(2) BEDM., Out. 1907, p. 95. Eis o que uma pessoa coeva exarou à margem do livro de L. Ferreira: «Dos padres de Sernache que teem vindo ninguém ousará dizer que não são bons padres, exemplares e virtuosos, e até conheci um q a todas estas qualidades reunia a mais fina educação e bom tracto, não obstante o que (e por ser mais apto que nenhum d'elles) S. Exa. Red.^{ma} exonerou do cargo de Vice-Reitor do Seminário e nomeou seu sobr.^o Pe. Ennes pessoa sem duvida mais competente e capaz». Nota-se que o exonerado era o P.^o Joaquim Inácio.

Em 1870 eram apenas 15 ou 16 os seminaristas chineses e 4 ou 6 os macaenses, além dos alunos externos.

Em 1881, havia no Seminário 40 alunos internos e 28 externos.

A cadeira de Náutica e Matemática foi criada e anexada ao Seminário por dec. de 5-7-1862, e de novo por dec. de 22-12-1881, que criou o «Seminário Liceu de S. José de Macau».

A 16-1-1881, o Senado soltou o grito de alarme, dirigindo a S. Majestade a seguinte Representação: «É com muito pezar seu que o Leal Senado tem de expôr á alta consideração de Vossa Magestade que o Seminário de S. José, que segundo a lei havia de ser um grande estabelecimento de instrução primaria e secundaria, está hoje reduzido a uma completa nullidade; e d'esta verdade está tão convencido o seu proprio reitor, o Bispo Diocesano Enes, que se tem envergonhado de fazer a distribuição annual de premios, solemnidade esta que ha quatro annos não tem tido logar.

Não é com menos pezar que o Leal Senado tem de expor á Augusta consideração de Vossa Magestade que a unica Escola d'instrução primaria que aqui existe, subsidiada pelo Governo está muito longe de satisfazer ao fim para o qual é destinada; pois que é ella regida por um professor que de Timor cá veio por doente, e cujas habilitações, segundo é opinião publica, são nenhuma» (1).

O ministro de marinha e ultramar, José de Melo Gouvea, atendeu esta reclamação pelo dec. de 22-12-1881, em cujo preâmbulo punha o dedo na chaga: «Foram as congregações e ordens religiosas que forneceram ao seminário de S. José de Macau os dignos professores, que deram e sustentaram ao estabelecimento o credito memoravel de que gosou, e que ainda teria talvez, se uma critica altiva, que só conhece a liberdade dos seus preconceitos, não expulsasse aquelles homens do ensino, ali e n'outras partes, para os subs-

(1) Era Joaquim José Esteves, professor da Escola do Sexo Masculino, que foi transferido de Timor para Macau por dec. régio n.º 21 de 14-3-1870.

J. M. Braga, referindo-se a ele, diz: «De facto, houve uma ocasião em que não existia senão uma unica escola primária dirigida por um cabo reformado» (*Boletim do Instituto Luís de Camões*, Vol. III, N.º Verão de 1969, p. 83).

Isto não é exucto: além desta escola do Governo, existia a de instrução primária do Seminário, regida em 1872 por dois professores, Manuel da Silva e Carlos Caldeira Júnior. Além disso, Esteves não era cabo reformado, mas alferes no activo,

tituir por outros que, embora tenham a sua sciencia, se a têm, não possuem o seu zelo nem a sua aptidão para a educação publica.

Por este caminho, e por outros que relaxaram a disciplina escolar, decaiu de prestimo e de valor o seminario de Macau; e as autoridades da colonia e outras pessoas n'ella residentes, zelosas da sua prosperidade, pretendem hoje que o seminario se reforme e se converta n'um seminario-lyceu e educação do clero e as mais condições de instrução publica que a vida moderna exige na colonia» (1).

Projecto do Seminário-Liceu

Houve uma primeira tentativa falhada. Com efeito, onze anos antes, o dec. de 20-9-1870 estatuiu no art. 1.º.

«Os fins do Seminário de S. José de Macau são:

1.º Instruir e formar sacerdotes, principalmente chinas, para o serviço das igrejas e missões da diocese...

3.º Servir de lyceu em que recebam instrução secundaria os individuos que não se destinarem ao estado ecclesiastico...

O seminario tem anexo o orphanato...»

O art. 4 enumera as disciplinas que deveriam constituir o curso preparatório, ou seja, o curso liceal, a que se referia o n.º 3.º do art: 1.º

Art. 19.º Os professores de instrução primaria elementar da escola principal, e da escola de pilotagem poderão ser empregados no ensino do curso preparatório.

Bastaria ter dado às disciplinas do curso preparatório a organização vigente nos liceus e assim se teria fundado o primeiro lyceu em Macau; mas nada se pôde fazer, por falta dum corpo docente, que o Governo não forneceu.

Segundo o art. 3.º, a distribuição das disciplinas era da competência do conselho de estudos do seminário.

Tudo estava bem, mas apenas no papel, pois com a expulsão dos jesuítas, o Governo ficou sem elementos capazes de executar esse programa.

O dec. de 22-12-1881 veio confirmar o de 1870, decretando: Art 1.º. É reorganizado o Seminario de S. José de Macau sob o

(1) *Boletim Oficial*, 4-3-1882, p. 60.

nome de «Seminario-lyceu de S. José de Macau» nas mesmas condições de ensino e de regimen dadas aos seminarios-lyceus da India portugueza por decreto de 11 de Agosto ultimo.

Nos artigos seguintes dizia-se que a cadeira de náutica continuava anexada ao Seminário, bem como as aulas de ensino commercial; era criado um curso complementar e superior para os ordinandos com laboratórios, museus e colecções para os estudos físico-químicos, botânicos e geográficos e ainda um observatório meteorológico para a prática das observações fundamentais.

Quanto ao financiamento, provinha das pensões, propinas e emolumentos escolares, do rendimento dos bens das missões da China, dos donativos voluntários e da contribuição de \$2.000 da Associação Promotora da Instrução dos Macaenses (1).

Este programa tão vasto e aliciante não pôde cumprir-se por falta de pessoal e meios que o Governo não concedeu; o liceu nunca se fundou no Seminário e a vida deste continuou na mesma. Foram, pois, inúteis esses dois decretos de 1870 e 1881, sendo o primeiro prejudicial à educação.

Em Maio de 1881, o deão Gouveia foi de licença a Portugal; a 10-3-1883, partiu para o reino o bispo Enes (2), deixando como gov. do bispado e reitor do seminário o Cón. Francisco Alves Morgado Junior, natural de S. Miguel das Marinhas, concelho de Esposende, que chegara a Macau a 31-12-1882, e vice-reitor o P. Francisco Pedro Gonçalves.

O Cón. Morgado partiu para Portugal em fins de 1883.

A 29-8-1883, D. António Joaquim de Medeiros foi apresentado bispo de Macau e confirmado a 10 de Nov. seguinte.

A norma ou princípio que seguiu foi a de tornar o clero in-

(1) Boletim Oficial de Macau, 4-3-1882, p. 60-61.

(2) O comentarista do livro de L. Ferreira escreveu à margem acerca do bispo Enes: «O (bispo) de Macau não faz muito mais. Reside todo o tempo no Seminario e toma caldos peitoraes. De vez em quando dá o seu voto no Conselho (do Governo), por ex.: na suspensão de Sanctos Nazareth. Outras vezes faz papel mais ridiculo, por ex.: o desanojamento de Carlos Eugenio (Correia da Silva, governador de Macau de 1876-1879) em que figurou de exorcista. Ainda não tivemos o prazer de o ouvir pregar nem o veremos jamais visitar as terras da sua diocese. É incómodo e desvantajoso». Cremos que este comentarista era o P.^o Alves da Silva.

dependente das autoridades civis e militares. «Foi fundado também n'este principio, escreve o P. Alves da Silva, que quando o Governo da Metropole se preparava para estabelecer aqui o Liceu, alguém nos referiu que o queriam ouvir sobre este assumpto e á pessoa que isso lhe annunciava respondeu immediatamente que não lhe convinha que o seu Seminário fosse ao mesmo tempo Lyceu» (1).

De novo sob os Jesuítas

1890-1910

O Cón. Francisco Gonçalves, nom. vice-reitor a 6-3-1883, exerceu este cargo com todo o acerto durante 10 anos.

Mas o bispo Medeiros só descansou quando conseguiu confiar do novo o seminário aos jesuítas.

Foi a 17-3-1890, que chegaram ao Seminário os padres Francisco de Sales Borges Grainha, José Maria Nunes e irmão António Dias; a 23 de Dez., os PP. João Gonçalves e Manuel Graça; a 21-12-1891, o P. Francisco Xavier da Cunha e o Ir. António Miranda; outros jesuítas se seguiram ininterruptamente até 1910.

Por indicação dos jesuítas, o Cón. Francisco Gonçalves continuou à frente do Seminário até 18 de Abril de 1893, em que foi nom. reitor o P. João Gonçalves, S. J.

O P. Alves da Silva relata: «Os estudos, então, e toda a economia do Seminario começaram a ter uma nova orientação; estes padres pelo ascendente moral e virtude e amor ao estudo, como não tinha havido antes, resultando d'aqui muitos pedirem para seguir o estado ecclesiastico, e achando-se outros inclinados a abraçar a carreira dos seus proprios preceptores; donde resultou um novo estado de cousas que fazia antever um futuro muito semelhante ao dos primitivos tempos d'este estabelecimento.

Remodelou-se n'um novo systema o plano dos estudos e os alumnos orphaos, que desde 1870 se achavam installados no Seminario por falta de outro asylo, foram prudentemente separados do corpo dos ordinandos e collocados no andar inferior para não perturbar a disciplina dos ordinandos.

(1) *Boletim E. D. de Macau*, dez. 1907, p. 158.

A principio chegou a tanto o entusiasmo dos macaenses pelo ensino d'estes padres, que se apresentaram differentes individuos já maiores e constituindo familia para se matricularem nas aulas de philosophia regidas no Seminario; e por certo se inaugurou com estes padres uma epocha de esperança para o Seminario, lucrando muito com a sua vinda a instrução publica da colonia» (1).

O Seminario continuou florescente durante dois decénios até que o Governo da República, por dec. de 8-10-1910, lhe deu o golpe fatal, expulsando de novo os jesuítas, que educavam 82 alunos internos e 95 externos.

Os chefes de família de Macau clamaram em vão contra este despotismo, dizendo na manifestação dirigida ao ministro da marinha:

«O jornal semi-official de Peking, n'um artigo inspirado, acaba de cobrir-nos de opprobrio e não hesitou em dizer que Macau já não tem razão de ser como possessão portugueza, porque não tem progredido, e diz que aos esforços da China para entrar na senda da civilização, a Republica Portugueza contrapõe o exemplo de transigir com os vicios de jogo, de ópio e de prostituição, sem mostras de querer combatelos, ao mesmo tempo que expulsa os inofensivos e benemeritos religiosos, fechando o seminario, os collegios e as casas de beneficencia, que são os factores do bom.

E quem, tendo filhos a educar, não sentirá a perda de tão eximios professores e professoras?...

Os abaixo assignados, por brevidade, deixam de enumerar todos os beneficios que á pátria, á religião e á humanidade prestam os religiosos e religiosas n'esta cidade, sobretudo os professores jesuítas do seminario de S. José. Alli formam-se sacerdotes para os serviços da religião e para sustentação do padroado, e educam-se os filhos d'esta terra tanto portuguezes como chinas, para ganharem honradamente os meios de subsistencia. Só o professor inglez, o reverendo padre Arkwright, habilitou centenas de rapazes, que estão espalhados nos portos da China e do Japão» (2).

O reitor do seminário, P. António Henriques, registou no seu

(1) *Boletim E. D. Macau*, Março 1908, p. 252-53.

(2) Vid. essa Representação completa na nossa *Galeria de Macaenses Ilustres*, p. 438-441.

diário:

«15 de Outubro (*de 1910*). O jornal de Hong Kong *Morning Post*, diz «que os jesuítas fizeram todos os preparativos para sair de Macau. Para lamentar será, observa, que a sua obra educadora venha a ser aqui abandonada, para comprazer a um governo hostil á religião...

Os republicanos portugueses tem singular conceito da liberdade; a qual não é facil de comprehender!...

De facto foram enviados telegramas por commissões particulares, pelo sr. bispo D. João Paulino de Azevedo e Castro, pedindo a conservação das ordens religiosas. O *leal senado* porem tem outras ideas, e convem-lhe comprazer ao governo da metropole, ao qual pediu a autonomia administrativa da colonia».

Os PP. William Arkwright, Luís Mendes e João Pereira Presunto e o irmão escolástico António Neto partiram para Hong Kong via Cantão a 18-11-1910; no dia 19, às 7.30 a. m., embarcaram directamente para Hong Kong os PP. João Gonçalves, Sebastião Maria Aparício da Silva, João Lucas, Serafim Nazaré e o irmão coadjutor João Afonso; às 9 horas a. m. do mesmo dia, seguiu o P. António Henriques e os irmãos coadjutores António de Castro, Pedro do Rosário e Vicente Agostinho.

O P. Henriques viera para Macau em Setembro de 1898, sendo nomeado reitor em 1907; ensinava Sagrada Escritura.

O P. Gonçalves, ex-reitor, ensinava teologia dogmática.

O P. Arkwright veio em Fev. de 1898, ensinava inglês.

O P. Lucas veio em Out. 1895; ensinava teologia moral e latim.

O P. Mendes veio em Out. de 1895; ensinava retórica e história universal.

O P. Nazaré veio em Nov. 1908; ensinava latim e português.

O P. Pereira veio em Nov. 1908; ensinava português, francês e geografia.

O Ir. Neto veio em Nov. 1908; ensinava filosofia e ciências naturais.

O Ir. Castro, instrução primária; Rosário, prefeito; Sebastião, enfermeiro; Vicente, porteiro e roupeiro.

*O Seminario sob os Padres Seculares***1910-1930**

D. João Paulino de Azevedo e Castro, referindo-se à saída dos jesuítas, escreveu nessa altura: «A sua saída deixou uma enorme lacuna quer no seminario quer na diocese, onde trabalhavam como professores e missionarios, sempre e em tudo a contento dos Prelados que n'elles depositavam a maior confiança. Não admira, pois, que as obras que lhes estavam confiadas e a que vincularam seus nomes, muito se estejam resentindo da sua falta.

Pelo que respeita ao Seminario, foi bastante difficil evitar que se fechasse, e tel-o-ia sido com enorme prejuizo para a diocese, para a colonia e para os alumnos que o frequentavam, se o clero secular de Macau, apesar de já bastante sobrecarregado com serviços, não se prestasse, n'um gesto de generosa abnegação, a substituil-os. Bem haja...

Apesar d'haver em Macau um Lyceu, um Instituto comercial e uma Escola Commercial, mui proficientemente regidos, ainda assim no ultimo anno lectivo se elevava a 208 o numero d'alumnos matriculados e assistentes nas aulas do Seminario, — internos 82 e externos 126,—sendo elle o mais frequentado de todos.

O Seminario não só ministra instrução, mas tambem exerce a beneficencia, pois mantem, conforme a decreto, que o reorganizou (1), um orphanotrophio, e gratuitamente instrue a maior parte dos seus alumnos, sustenta e veste tambem gratuitamente quasi todos os alumnos internos» (2).

Com a saída dos jesuítas foi nom. vice-reitor o P. Dr. António José Gomes que dirigiu o Seminário até 15-10-1921, em que foi substituído pelo P. João Machado de Lima; succedeu-lhe o P. Francisca Bonito Bragança (1924-1929) e depois o Cón. António Barreto (1929-1930), em que voltaram de novo os jesuítas.

Durante o período dos Padres Seculares, estes procuraram aguentar o seminário o melhor que puderam e não se notou aquela baixa de nível que se dera de 1871 a 1890. Basta dizer que em

(1) Decreto de 20 de Setembro de 1870.

(2) *Boletim E. da D. de Macau*, Nov.-Dez. 1911, p. 92.

1909-1910 os alunos matriculados foram 285 e em 1924-25 subiram para 533. Ainda que em 1910, ao ser proclamada a República, um bom grupo de seminaristas portugueses abandonou o Seminário, outros vieram substituí-los, crescendo sempre o seu número até cerca de 80.

No ano lectivo de 1911-12, a distribuição de disciplinas foi a seguinte:

Teologia Dogmatica e Francês 1.º e 2.º ano, P. Manuel Alves da Silva.

História Ecclesiástica, Dr. António Gomes.

Direito Canónico e Liturgia, Cón. Francisco Xavier Soares.

Canto Gregoriano, P. Domingos Yim.

Filosofia, Retórica e Literatura Portuguesa, P. José da Costa Nunes.

Matemática, Cón. A. Maria de Moraes Sarmento.

Humanidades e latim 1.º ano, P. João Machado de Lima.

Português 1.º e 2.º ano e instrução primaria complementar, P. Horácio Pereira da Silva.

China para portugueses, português para chinas, música, solfejo e canto gregoriano e catecismo 5.ª cl., P. Domingos Yim.

Inglês 3.º e 4.º ano, Francisco Xavier Gomes.

Inglês 1.º e 2.º ano, língua anglo-sínica, harmónio e piano, P. Jacob Lau.

China superior 1.º e 2.º ano, clássicos chineses e chinês complementar, Mestre Yong.

Instrução primária complementar, Cón. Secundo de Sousa.

Desenho 1.º, 2.º e 3.º ano, P. Artur Gonçalves.

Orquesta e banda, João Clímaco do Rosário.

Catecismo da 1.ª cl., José António Augusto Monteiro.

„ da 3.ª cl., António Fragata.

„ chinês da 3.ª cl., Pedro Hui.

„ „ da 1.ª cl., Francisco Sales Ley.

Ginástica, Tenente F. B.

No ano lectivo de 1912-13, foram admitidos novos professores, segundo informa o *Boletim E. D. de Macau*, Set.-Out. 1912, p. 61: «O quadro do pessoal docente foi este anno augmentado com a admissão d'alguns professores, os Snrs. Dr. António do Nascimento

Leitão, para a cadeira de Physica e sciencias naturaes, Rev. Benjamim José da Silva para a cadeira do 2.º grau d'Instrução elementar, e Mr. Bonan para as cadeiras do 3.º e 4.º annos do curso d'inglez, Mr. Bonan ensinará *Short-hand, type-wrighter e book-keeping*.

Isto mostra quanto a direcção d'aquelle estabelecimento se empenha em sustentar os credits do ensino ali ministrado firmados na tradição d'uma longa serie d'annos».

Não diminuiu a confiança dos pais de família, pois dos vários pontos do Extremo Oriente continuaram a vir rapazes para se educarem como internos no Colégio de S. José e se prepararem para a vida commercial.

O reitor Dr. Gomes publicou em 1914 um opúsculo intitulado *O Seminário de S. José de Macau*, onde nos dá o currículo dos estudos.

Curso teológico: Dogmática, Moral, S. Escritura, Direito Canónico, História Ecclesiástica, Liturgia e Canto Gregoriano.

Curso commercial em inglês: língua inglesa, Aritmética, Geografia geral e commercial, Taquigrafia, Dactilografia, Correspondência Commercial.

Curso de preparatórios: Filosofia, Matemática, Física, Química, História Natural, Retórica e Literatura, Geografia e História Universal, Português, Francês, Latim, China Cantonense, Português-China, Instrução Primária Elementar o Complementar, Doutrina Cristã, Desenho, Piano, Música vocal e instrumental.

De 1-1-1919 a 1-7-1919, os collegiais publicaram uma revista quinzenal—*Juventude*—de fraco valor literário.

No seu relatório sobre o ano-lectivo de 1922-23 referia-se o P. João Machado de Lima ao «maior amor, que se vai notando nos portuguezes fora de Macau, pela língua portuguesa, como se demonstra pelo grande numero de alunos que este ano vieram de Hong Kong, cujos pais recomendaram em primeiro lugar o estudo da lingua portuguesa e depois o da lingua inglesa, dando-se até o caso unico, do meu conhecimento, de haver dois alunos que já fizeram o exame de admissão à Universidade de Hong Kong e foram mandados aqui exclusivamente para estudar o portugûês, o latim e o francês.

Matricularam-se em todas as disciplinas 464 alunos.

Desses, 356 eram externos, aproximadamente metade chine-

ses, e 108 internos, sendo 51 seminaristas e 57 colegiais...

Os alunos do Seminário de S. José orgulham-se de caminhar na dianteira de todas as escolas da colônia nos jogos desportivos e para prova disso aí estão as taças do campeonato de *football* e dos certames inter-escolares, ganhas por eles em anos sucessivos, além doutros numerosos premios individuais» (1).

Em 1923 abriu-se na Horta Menor uma cisterna de 809 metros cúbicos, de cimento armado, destinada ao fornecimento de água para banhos, lavatórios e serviço de autoclismo.

Em 1923-24, os matriculados foram 526, sendo 406 externos. Com 6 alunos que terminaram a filosofia, formou-se o Curso Teológico, que cessara de funcionar desde 1920.

No ano lectivo de 1924-25, o Seminário conquistou a *Taça das Escolas* no Concurso Desportivo Inter-Escolar.

Nesse ano foram 533 os alunos matriculados, sendo 105 internos e 428 externos; os seminaristas eram 62.

Por iniciativa do aluno teólogo António da Silva Rego, os Seminaristas fundaram em 2-9-1925 a *Academia da Imaculada* com sessões mensais, em que 4 ou 5 alunos recitavam as suas produções literárias em prosa e verso. Esta Academia conseguiu formar oradores, escritores e poetas.

Em 1924, por ocasião dos festejos comemorativos do 4.º centenário do descobrimento da Índia, distinguu-se nas várias solenidades o Orfeão do Seminário de S. José, sob a regência do hábil maestro italiano Ferdinando Maberini (2), que fomentou o gosto musical na juventude, formando bons músicos, regentes de orfeão e orchestra.

Aí por 1929, encerrou-se o internato dos colegiais, regressando estes às suas terras.

O número de alunos decresceu; e com a retirada do P. Francisco Bonito Bragança em Janeiro de 1929, o seminário começou a

(1) *Boletim E. da D. de Macau*, Fev. 1924, p. 510-11.

(2) Nasceu em Ortonovo, La Spezia, Itália, a 25-7-1886 e ali faleceu a 14-5-1956. Veio para o Seminário em Nov. de 1923, contratado por 5 anos pelo bispo D. José da Costa Nunes. Em 1928, partiu para os Estados Unidos como professor de música que, de regresso à Itália, continuou a ensinar no Seminário Episcopal de Sargana, sua diocese. Elevou a um alto nível a cultura musical em Macau.

decair. Foi então que D. José da Costa Nunes lhe acudiu, chamando os jesuítas.

No seu Relatório de 1923 sobre as escolas dizia o Dr. Nascimento Leitão:

2 — SEMINÁRIO DE S. JOSÉ — 466 alunos (123 internos e 343 externos). Edifício amplo e bem situado. Exceptuando uma ou duas salas de aula, acanhadas, as restantes satisfazem, como os dormitórios, quanto a cubagem, ventilação e luz natural. Os alunos internos dispõem de vestiário e balneário. Fossas mouras. Estas, bem como o balneário e retretes, são providas de água de uma boa cisterna, e esta dotada de bomba eléctrica. As retretes tem autoclismo. Pena é que esta beneficiação sanitária não se estenda até às retretes e urinóis insalubres, exteriores, para uso dos alunos externos. Apesar de possuírem canalização, estas retretes nem sempre têm água.

O Anuário de 1927 traz os seguintes dados sobre o programa de estudos e frequência de alunos do Seminário-Colégio de S. José:

Instrução Primária

1.º grau	3 classes
2.º grau	2 classes

Curso Preparatório

<i>1.º ano</i>	<i>2.º ano</i>	<i>3.º ano</i>	<i>4.º ano</i>
Português ...1.º	Português ...2.º	Português ...3.º	Latim4.º
Francês1.º	Francês2.º	Latim3.º	Hist. e Geogr.
Latim.....1.º	Latim.....2.º	Matemática	Filosofia ...1.º

V ANO

Latim	5.º
Retórica e Literatura.....	5.º
Sciências Naturais	5.º
Filosofia	2.º

Chinês:—(Cantonense para alunos chineses) 8 anos.

Curso Comercial

Inglês	5 anos
Contabilidade e Escrituração	3 „
Correspondência Comercial	3 „
Taquigrafia e Dactilografia	3 „
Geografia Comercial	3 „

Curso Superior Teológico

<i>1.º ano</i>		<i>2.º ano</i>	
Teologia Dogmática	1.º	Teologia Dogmática	2.º
„ Moral	1.º	„ Moral	2.º
„ Ascética.		Patrologia e Patrística.	
História Eclesiástica.		Exegese.	
Grego	1.º	Eloquência sagrada.	
		Grego	2.º
<i>3.º ano</i>		<i>4.º ano</i>	
Teologia Dogmática	3.º	Teologia Dogmática	4.º
„ Moral	3.º	„ Moral	4.º
„ Pastoral	1.º	„ Pastoral	2.º
Direito Canónico	1.º	Direito Canónico	2.º
Liturgia	1.º	Liturgia	2.º
Inglês	1.º	Inglês	2.º

O ensino das disciplinas de Instrução Primária e Curso Preparatório é feito, respectivamente, conforme os Programas do Ensino Geral Primário, aprovados pelo decreto n.º 7:311, de 15 de Fevereiro de 1921, e os Programas de Instrução Secundária, aprovados pelo decreto n.º 6:132, de 23 de Dezembro de 1919.

Frequência e aproveitamento desde 1910

Anos lectivos	Alunos matri- culados	Exames feitos	Aproveitamento			Desistências
			Distintos	Aprovados	Reprovados	
1909-10	285	379	54	270	55	102
1910-11	239	299	39	249	11	91
1911-12	255	322	47	235	40	107
1912-13	224	212	31	148	33	137
1913-14	215	300	53	186	61	48
1914-15	312	382	49	234	99	32
1915-16	318	576	70	438	68	117
1916-17	307	596	53	456	87	83
1917-18	302	614	84	449	81	116
1918-19	378	635	82	450	103	93
1919-20	424	577	94	369	114	225
1920-21	412	549	180	246	123	261
1921-22	407	671	49	443	179	141
1922-23	464	605	98	418	89	293
1923-24	526	551	48	370	134	338
1924-25	533	622	65	458	99	318

Este estabelecimento escolar é subsidiado pelo Estado com a importância anual de \$7.777,77.

De novo sob os jesuítas

1930-1939

O primeiro jesuíta que veio para o Seminário foi o P. António Joaquim Gonçalves Roliz, que aqui começou a leccionar em 1928; o 1.º reitor foi o P. António Maria Alves, que tomou posse em Agosto de 1930; de 1933 a 1935 foi reitor o P. António Dinis Henriques Farto e de 1935 a 1939, o P. Anacleto Pereira Dias.

Eram todos já bastante idosos, tendo dois deles sido reitores nos princípios deste século. Foram aguentando o Seminário, mas não com aquele ardor doutros tempos.

A instrução primária estava a cargo dos padres seculares e o curso comercial a cargo de professores leigos.

Como cessara o internato dos colegiais, os alunos eram poucos e diminuía cada vez mais. Só os seminaristas é que cresciam em número, recebendo uma óptima formação intelectual e moral.

Em 1936, D. José da Costa Nunes acabou com o curso co-

mercial e a 18-5-1938, fechou as portas aos externos, reservando o Seminário aos candidatos à vida eclesiástica.

As razões, apresentadas no Relatório de 16-5-1938 pelo Secretário da Comissão, P. António Julião da Rocha, S. J., são as seguintes:

«Havia muito que Sua Exa. Revma., o Snr. Bispo de Macau, desejava ver cumpridas à risca, no seu seminário diocesano, as normas emanadas da Santa Sé, respeitantes à organização de estudos. Uma dessas normas, a que o Sumo Pontífice ligava particular importância, estabelecia o princípio de que os Seminários só podiam ser frequentados por alunos, que se consagrassem à vida eclesiástica. Reconhecia o Santo Padre, nesse documento, que, embora as aulas frequentadas por alunos externos pudessem ser de grande vantagem para a cidade onde estava instalado o Seminário, tal circunstância, de ordinário, impedia se alcançasse o fim primário dos Seminários, que era formar e preparar bons sacerdotes.

Ora, sucedia que o Seminário de S. José de Macau, mantendo, para alunos internos e externos, dois cursos de Instrução Primária, um em português e outro em chinês, e um curso de Instrução secundária em chinês, estava um pouco à margem das directrizes sabiamente traçadas pela Igreja, nesta matéria tão importante: a formação do clero.

Para obviar a êstes inconvenientes, Sua Exa. Revma., antes de tomar qualquer resolução, quis ouvir o parecer do Professorado do Seminário de S. José.

Na primeira reunião, celebrada numa das salas do Paço Episcopal, expôs o Exmo. Senhor Bispo o motivo da convocação e disse que era seu ardente desejo cumprir integralmente as disposições de Roma. Certo era que lhe custava muito ir contra a tradição deste glorioso estabelecimento de educação, donde haviam saído tantas gerações de portugueses, que, em Macau e fora de Macau, grande brilho deram e davam ainda ao Seminário-Colégio de S. José, mas acima de tudo estava a observância das instruções, emanadas da Santa Sé. Fôra já para as cumprir que há dois anos acabara com o Curso Comercial, que ali funcionava; mas restavam ainda os cursos de Instrução Primária em português e chinês, bem como o curso secundário do Tchong-Hoc, este e aqueles frequentados simultanea-

mente por seminaristas e não seminaristas.

Urgia, pois, tomar uma medida sobre estes cursos.

Certo era que, se os suprimíssemos, ficávamos privados de certas vantagens, sendo a principal a oportunidade, que se nos oferecia, de ministrarmos aos jovens uma sólida formação moral e religiosa. Sucedera isso com respeito ao Curso Comercial, anteriormente frequentado por uma grande maioria da população escolar de Macau. Mas, ainda a tal respeito, devia dizer que essa vantagem, hoje, praticamente desaparecera, devido à mudança de circunstância. De facto, de há uma dezena de anos para cá, a situação no Extremo-Oriente, sob o ponto de vista comercial, modificou-se de tal modo que a juventude macaense se viu impossibilitada de emigrar para os Portos da China e do Japão em busca de empregos no comércio local. Resultado: a inutilidade de tirar um curso comercial. Em tais circunstâncias, só restava aos rapazes de Macau frequentarem o Liceu, para serem funcionários públicos, ou seguirem cursos superiores na Metrópole. Daí, a decadência do curso comercial no Seminário, acompanhada da conseqüente impossibilidade de termos nas mãos a juventude macaense, para lhe ministrarmos, a par do ensino profissional, uma sólida educação moral e religiosa. Pode dizer-se que o curso comercial do Seminário, mesmo que não tivesse sido extinto por ordem superior, estava condenado a morrer de inanição, dentro de pouquíssimos anos.

Tenho ouvido mais duma vez lamentos, por se ter suprimido o Curso Comercial no Seminário, dizendo-se que tal medida veio reduzir extraordinariamente a influência, que esta casa de educação exercia no meio social de Macau e mesmo nos Portos de Tratado da China e nas cidades marítimas do Japão e doutras regiões asiáticas.

É que se esquece a mudança operada no Extremo-Oriente, sob o ponto de vista comercial. Esquece-se que hoje o comércio europeu, onde os macaenses encontravam empregos, vai transitando para as mãos de chineses e japoneses. Esquece-se que os nossos rapazes encontraram concorrentes de temer, nos rapazes chineses, que se apresentam tão bem ou melhor apetrechados do que eles, para a carreira comercial. Esquece-se ainda que esta concorrência se traduz, sobretudo, por uma baixa de salários incompatíveis com o teor de vida do macaense. Dest'arte, os nossos jovens, vendo intercepta-

da, praticamente, a vida comercial, viram-se forçados a procurar habilitações legais, que lhes abrissem as portas da burocracia, ou das Escolas Superiores da Metrópole. Foi assim que passaram a frequentar o Liceu e não o Seminário, como antes sucedia.

A diminuição da frequência do Seminário, por parte de alunos externos, não é, como alguns querem supor, consequência duma má organização dos estudos ou de pouca competência do professorado, pois a verdade é que tanto os estudos como o quadro do corpo docente têm vindo melhorando sucessivamente.

A questão é muito outra, só não a vendo quem não procure descobrir-lhe as causas.

Em resumo, o curso comercial do Seminário, mesmo que não tivesse acabado, para nos integrarmos no ponto de vista da Santa Sé, acabaria fatalmente, por inútil, dentro de 2 ou 3 anos. Já não se poderá dizer o mesmo dos outros cursos hoje frequentados por externos, mas a verdade é que Sua Santidade, o Papa, nas suas Instruções sobre os estudos dos Seminários, diz que não se deve hesitar em fechar as portas do Seminário a alunos, que não sigam a carreira eclesiástica, mesmo quando esses alunos muito podiam aproveitar, sob o ponto de vista religioso e intelectual.

Sendo assim,—concluía Sua Exa. Revma.—o caminho estava traçado, no entanto antes de nele entrar, desejava ouvir os professores do seu Seminário, dadas as circunstâncias especiais desta casa de educação.

A seguir, o Exmo. Snr. Bispo foi dando a palavra aos Revmos. Professores ali reunidos e todos, a pesar de reconhecerem que assim se cortava a longa tradição deste Seminário como estabelecimento de ensino em Macau, foram unânimes em reconhecer a incompatibilidade das aulas de Instrução Primária com as normas traçadas pela Santa Sé.

Sua Exa. Revma. ficou de resolver se as aulas se haviam de transferir para outro local, ou se haviam de suprimir-se pura e simplesmente. Restava o problema mais complicado dos alunos chineses que teriam de frequentar no Seminário as aulas que até agora tinham no Colégio de S. José, e se possível fosse, todo o Tchong-Hoc. Isto equivaleria a um aumento de encargos para a Diocese, pelo número de professores que exigia tal disposição, com cursos de semi-

naristas, por vezes de frequência muito reduzida. Para estudar o assunto nomeou Sua Exa. Revma. uma comissão de que fizeram parte, além do Revdo. Reitor do Seminário e do Secretário do Conselho de Estudos, os RR. Srs. Cónego J. Lau, PP. A. Henriques, G. Revelard, P. Hui, V. Leong e J. Lei. Como Sua Exa. Revma., logo na Sessão Preparatória, indicou, não se tratava de estudar nova organização dos estudos para seminaristas chineses; essa organização já se acha suficientemente indicada no Concílio Plenário da China, onde se apontam, como normas para os cursos preparatórios, os programas oficiais da China. Tinha esta resolução em vista a facilidade para os sacerdotes chineses de obterem os diplomas do Governo, sem os quais, mais tarde, difficilmente poderão abrir e dirigir escolas e colégios católicos no interior da China. Ora, em seminários de alunos exclusivamente chineses, são pouquíssimos até hoje, os que realizaram esse ideal. Muito mais difficil, portanto, será alcançar esse fim em seminários mixtos, como o nosso, frequentado por alunos portugueses e chineses, numa colónia de Portugal, onde se não encontra nenhum colégio católico de rapazes, registado no Governo de Cantão. Ou teríamos de abrir no interior da China um seminário só para alunos chineses, com todo o curso do Tchong-Hoc, reconhecido pelo governo chinês (equivaleria isso a termos dois seminários efectivos) ou acomodariamos os estudos do nosso Seminário de Macau aos programas officiais da China. Hoje por hoje, foi esta segunda hipótese que nos pareceu de mais fácil realização.

Estamos todos de accordo em que se não deve obrigar o aluno chinês como em tempos idos, ao estudo exclusivo do português, como se o português lhe fosse língua materna, descurando por completo a língua chinesa. Tratamos de formar missionários que mais tarde no interior da China honrem a religião que representam, pela sua cultura chinesa. Portanto, além dos 6 anos de estudo da língua chinesa que o Tchong-Hoc exige, os seminaristas chineses terão mais 3 aulas por semana de chinês durante o curso de filosofia.

Como por outra parte esses alunos pertencem a uma diocese onde as autoridades ecclesiásticas e civis e grande número de missionários são portugueses, é de toda a conveniência que os alunos chineses conheçam o português, não como língua materna, mas como língua estrangeira que se conhece a fundo. Julgamos que para se obter

esse fim, bastam três anos de estudo com aula diária, nos três primeiros anos, e duas aulas por semana, nos dois anos de filosofia, devendo ainda notar-se que os alunos chineses, em contacto com os portugueses, vão aprendendo praticamente a nossa língua.

A este princípio obedece também o facto de os alunos portugueses terem dois anos de chinês com aula diária.

Após várias reuniões, a Comissão nomeada por Sua Exa. Revma. traçou o seguinte quadro das aulas, tendo em conta que o curso de preparatórios, antes da filosofia, dura para os portugueses 5 anos, e para os chineses, 6 anos.

I) — *Alunos Portugueses*

- I.º ANO — Latim-Português-Francês-Geografia
- II.º ANO — Latim-Português-Francês-Exercícios ou Temas
- III.º ANO — Latim-História Universal-Chinês-Português (3 aulas por semana) Temas (2 aulas por semana)
- IV.º ANO — Latim-Matemática-Chinês-Temas
- V.º ANO — Latim-Matemática-Literatura Portuguesa-Temas
- I.º Ano de Filosofia — Filosofia-Inglês-Ciências
- II.º Ano de Filosofia — Filosofia-Inglês-Ciências

II) *Alunos Chineses*

- I.º ANO — Latim-Chinês-Português-Geografia (Nacional e Estrangeira)
- II.º ANO — Latim-Chinês-Português-História (Nacional e Estrangeira)
- III.º ANO — Latim-Chinês-Português-História Natural (Zool. Bot. Biol.)
- IV.º ANO — Latim-Chinês-Aritmética-História Natural (Miner. Geolog.)
- V.º ANO — Latim-Chinês-Álgebra-Física
- VI.º ANO — Latim-Chinês-Geometria-Trigonometria-Química
- I.º Ano de Filosofia — Filosofia-Inglês-Chinês (3 aulas)-Português (2 aulas)
- II.º Ano de Filosofia — Filosofia-Inglês-Chinês (3 aulas)-Português (2 aulas)

O 5.º ano de Latim para os portugueses, correspondente ao 6.º para os chineses, bem como as aulas de Filosofia e as de Teologia serão comuns para chineses e portugueses, uma vez que a língua em que se explicam essas matérias é a latina.

Curso Teológico (4 anos)

- I.º ANO—Dogmática-Moral (De Principiis)-História Ecclesiástica-Sociologia
 - II.º ANO—Dogmática-Moral Especial-Sagrada Escritura I.º
 - III.º ANO—Dogmática-Moral Especial-Sagrada Escritura II.º
 - IV.º ANO—Dogmática-Direito Canónico-Liturgia-Arqueologia
- Nas 5.ªs Feiras haverá no I.º Ano aulas de Patrologia
 no II.º Ano aulas de Ascética
 no III.º Ano aulas de Missiologia
 no IV.º Ano aulas de Teologia Pastoral

Aos Domingos haverá exercício de Pregação para os alunos de último ano de Preparatórios, para os de Filosofia e para os de Teologia.

Não indicamos aqui os compêndios que se devem adoptar, porque forçosamente terão de mudar à medida que forem melhorando. Tão pouco desenvolvemos e pormenorizamos os programas de ensino, visto tal assunto já estar estudado.

É este o programa de estudos que se nos afigurou o mais eficaz para que a tradição e bom nome que este Seminário sempre teve no que se refere aos estudos, se mantenha nos anos que vão vir, para a formação sólida de sacerdotes virtuosos e ilustrados, ao serviço do Padroado do Extremo-Oriente».

Finalmente, sob os seculares

Desta vez, os jesuítas não foram expulsos. Retiraram-se voluntariamente por falta de pessoal e foi assim que a 29 de Dezembro de 1939 foi nomeado reitor o padre secular Abílio José Fernandes, que faleceu a 8 de Junho de 1944.

Homem alquebrado e doente, viu-se a braços com a tremenda crise da Guerra do Pacífico (1941-1945), com o racionamento e toda a sorte de restrições.

No entanto, os estudos foram continuando regularmente.

Sucedeu-lhe o Cón. Dr. Fernando Herberto Leal Maciel (1944-1952), o qual, em Outubro de 1949, reabriu o externato. Consta dos cursos de instrução primária e secundária até ao 5.º ano.

A validade oficial da matrícula na 4.ª cl. de instrução primária do seminário podia ser concedida pelo governador mediante requerimento dos interessados, acompanhado do respectivo certificado de exames, como consta do ofício n.º 2.055/A de 1930 da Administração Civil de Macau.

Ao cón. Maciel sucedeu o Cón. Juverual Alberto Garcia (1952-1961). Em 1954 construíram-se e inauguraram-se os pavilhões do externato anexos ao Seminário, de lado da R. da Prata, bem como o teatro e sala de estudo, entre o velho seminário e os novos pavilhões. O novo edifício escolar foi inaugurado a 26-5-1954 e o teatro e sala de estudo a 19 do mês anterior, sendo tudo obra de D. João de Deus Ramalho.

Durante o seu reitorado, construiu-se em Coloane um edifício para veraneio dos alunos com uma capela anexa, obras pagas pelo Dr. Pedro José Lobo.

Seguiu-se o Dr. Arquimínio Rodrigues da Costa (1961) e a este o Dr. João Paulo de Sousa.

Para dar uma amostra da distribuição das disciplinas, ensinadas neste externato, eis o quadro do ano lectivo de 1965-66:

Matemática III, IV e V ano, Carlos J. Nunes.

Português V, Latim III, IV e V, História Universal e Religião III, P. Manuel Teixeira.

Português IV e Religião IV e V, Cón. Juvenal Garcia.

Inglês III, IV e V, Joseph Especkerman.

Português III, Manuel Maria Sapage.

Francês II, P. Arquimínio Rodrigues da Costa.

Francês I, Lino Silveira Amaral.

Canto Coral III, IV e V, P. José Barcelo Mendes.

Dactilografia, Raul Gregório da Rosa Duque.

Educação Física, José Vítor do Rosário.

Em 1968, foi encerrado o Externato, sendo o edifício ocupado recentemente pela Escola Estrela do Mar.

Hoje o Seminário está vazio, pois os poucos seminaristas

diocesanos estudam em Portugal ou em Hong Kong.

Ao contemplar este velho e venerando seminário, por onde durante dois séculos e meio passaram gerações e gerações de jovens e de missionários que se tornaram ilustres em todos os ramos da actividade humana, o nosso coração contrai-se de angústia ao vê-lo hoje deserto, frio e nu, na sua triste e dolorosa mudez.

Os Jesuítas nos inícios do Seminário de S. José

1728-1762

Pe. Manuel Pinto
Pe. Luís de Sequeira
Pe. João Duarte
Pe. João Simões

Os Lazaristas no Seminário de S. José

1780-1853

Pe. Manuel Correia Valente
Pe. João Agostinho Villa
Pe. Domingos Joaquim Ferreira
Pe. José Nunes Ribeiro
Pe. António Carlos de Brito
Pe. Fernando Manuel de Matos
Pe. Policarpo José Antunes
Pe. Miguel Gomes Dantas
Pe. Luís José Álvares Gonzaga
Pe. Tomás Chang Pinheiro
Pe. Simão Chang Pires
Pe. Paulo Kim da Costa
Pe. Mateus Chen de Sequeira
Pe. José Joaquim Pereira de Miranda e Oliveira
Pe. André Lino de Sousa e Silva
Pe. José Rebelo de Sousa Pinto
Pe. José Maria Romão

Reitores do Seminário

(1728-1975)

A história duas vezes secular deste Seminário-Colégio apresenta-se sob oito fases ou épocas distintas: — na posse dos seus fundadores (1726-1762); no intervalo que medeia desde a expulsão dos Jesuítas até ser ocupado pelos Lazaristas (1762—1784); todo o tempo que estes o regeram (1784 — 1856); sob a direcção do Clero Secular (1857 — 1898); de novo sob o governo dos Jesuítas (1898 — 1910); outra vez sob os Padres Seculares (1910—1930); sob os Padres Jesuítas (1930 — 1940); e finalmente sob o Clero Secular (1940 até hoje).

Eis a relação dos Reitores desde a fundação do Seminário até hoje;

I Direcção: os Jesuítas

(1728 a 1762)

Manuel Pinto (1728—1731).

Luís de Sequeira (1742—1745; 1752—1755; 1759—1762).

João Duarte: (1746—1749).

João Simões (1755—1758).

II Direcção: Intervalo

(1762—1783)

Não aparecem nomes de Reitores. Há uma Pastoral de 30 de Janeiro de 1777, em que D. Alexandre da Silva Pedrosa Guimarães, Bispo de Macau (1772—1782), convida o dominicano espanhol, Frei José Bandilh a reger o curso teológico, a expensas do Prelado. Julgamos que o Seminário de S. José esteve fechado durante estes 22 anos.

III Direcção: os Lazaristas

(1783—1856)

Manuel Correia Valente (1784—1804).

Joaquim José Leite (1804—1827) 1830(?)—1853).

Nicolau Rodrigues Pereira de Borja (1827—1830(?))

IV Direcção: os Padres Seculares

(1852 ~ 1893)

Manuel Lourenço de Gouveia (1856—1871).

António Luís de Carvalho (1871—1875).

António Joaquim de Medeiros, interino (1875).

João Gomes Ferreira, Vice-Reitor (1875—1877).

Joaquim Inácio, Vice-Reitor (1877—1878).

Francisco Teixeira Soares de Sousa Enes, Vice-Reitor (1879—1888).

Francisco Alves Morgado, Reitor (1888).

Francisco Pedro Gonçalves: Vice-Reitor (1888—1892), Reitor interino (1892—93).

V Direcção: os Jesuítas

(1893—1910)

João Gonçalves (1893—1902).

António Maria Alves (1902—1907).

António Henriques Farto (1907—1910).

VI Direcção: os Padres Seculares

(1910—1930)

António José Gomes (1910—1921).

João Machado de Lima (1921—1924).

Francisco Bonito Bragança (1924—1929).

António Barreto (1929—1930).

VII Direcção: os Jesuítas

(1930—1940)

António Maria Alves (1930—1933).

António Henriques Farto 1933—1935).

Anacleto Pereira Dias (1935—1939)

VIII Direcção—os Padres Seculares

Abílio José Fernandes (1939—1944)

Fernando Herberto Leal Maciel (1944—1952)

Juvenal Alberto Garcia (1952—1961)
 Arquimínio Rodrigues da Costa (1961—1966)
 João Paulo de Sousa (1966—1973)
 Roque Tchê (1973—1974)
 Domingos Lam (1974—...)

EGREJA DO SEMINÁRIO DE S. JOSÉ (1)

Foi a igreja de S. José edificada pelos meados do século dezoito, e não podendo nós determinar com precisão o anno em que começaram as obras (2), sabemos ao certo que já em 1758 estava concluída.

Tem a porta principal voltada contra o poente. Sobe-se para ella por uns quarenta degraus de granito muito largos, até chegar ao adro, que é espaçoso e bem arborizado: depois ainda se torna necessario subir mais doze para ganhar a entrada da porta; o que perfaz cincoenta e dois degraus vindo a formar uma mui formosa escadaria vista da porta do portão e da rua que lhe corre adiante.

Queixam-se os devotos, sobre tudo se são já entrados em idade, e desculpam-se de ir menos vezes á igreja do Seminário de S. José, pela difficuldade de vencer sem grande cansaço tantos degraus.

É certo que não é pequeno sacrificio este, e mais se é sobre tarde, quando o sol inclinado ao occaso, dardeja, em cheio, seus raios sobre quem se dirige escadaria acima.

Mas lembrem-se, se isto lhes pode servir de estímulo para visitarem mais vezes a igreja, que aos moradores do Collegio, que fica ao lado, acontece-lhes subir e descer estes mesmos degraus muitas vezes nas horas mais calmosas, em que são chamados para levar a almas affletas a consolação, que aos pés de JESUS sacramentado alli vão procurar.

A fachada da igreja sem ser obra de muito estylo, é elegante e primorosa.

O interior tem mais architectura e arte, e apparece de qualquer parte que se olhe, tanta proporção em tudo, que enleia a vista.

(1) Transcrito das *Congregações Marianas na China e em Macau*, pelo P. António Maria Alves (Macau, 1904), pp. 80-82.

(2) As obras começaram em 1746.

Mede de comprimento, desde a porta principal até ao altar mor, vinte e dois metros. A largura tomada sobre os braços de cruz, que em cruz é toda a igreja, anda por uns treze metros, pouco mais da metade do comprimento. Do fecho do majestoso zimbório que se eleva ao centro da igreja, ha cerca de dezanove metros até ao pavimento.

Dizem os que viram S. Pedro de Roma, que em muitas coisas traz esta nossa egrejinha á lembrança aquelle majestoso templo, pasmo de quantos vão visitar a cidade dos Papas.

Tem. taes alem do altar mor, um em cada braço de cruz.

Ao lado do Evangelho fica o altar de Nossa Senhora. É de muito bem polida e envernizada.

Em um formoso e elegante throno, em estylo gothico, vê-se a estatua de Immaculada Conceição que fica descripta no capítulo precedente. É obra de um dos melhores escultores do Porto.

Ao lado da Senhora, mas um pouco mais abaixo, em peanhas, no mesmo estylo do altar, elevam-se os dois lirios de pureza Sancto Estanislau Kostka e S. Luiz Gonzaga, aos quaes servem como que de umbella dois docéis, que sobem até meio do throno da Senhora.

Dão graça ao altar quatro columnas, duas de cada lado, cujas bases, depois dos melhoramentos que em 1903 se fizeram na igreja se ornavam com varios symbolos e emblemas; tudo doirado, em campo azul.

Da parte esquerda do altar está um confessionario, obra de arte, executado em Macau sob as vistas de um dos melhores artistas: da direita, tres metros acima do pavimento, um pulpito de camphora, para o qual se sobe por uma escada em caracol, da mesma madeira.

Tanto o pulpito como o docel ou porta-voz estão guarnecidos de vistosos adornos.

Faz frente ao altar de Nossa Senhora outro dedicado a S. José. É em tudo parecido àquelle, menos nas decorações das columnas. Tem o Sancto Patriarcha á direita o nosso portuguez Sancto Antonio, encantador nas graças do rosto e nas carícias com que está amimando o menino JESUS, assentado no livro que sustenta com a esquerda.

Do outro lado venera-se a B. Margarida M. Alacoque, mos-



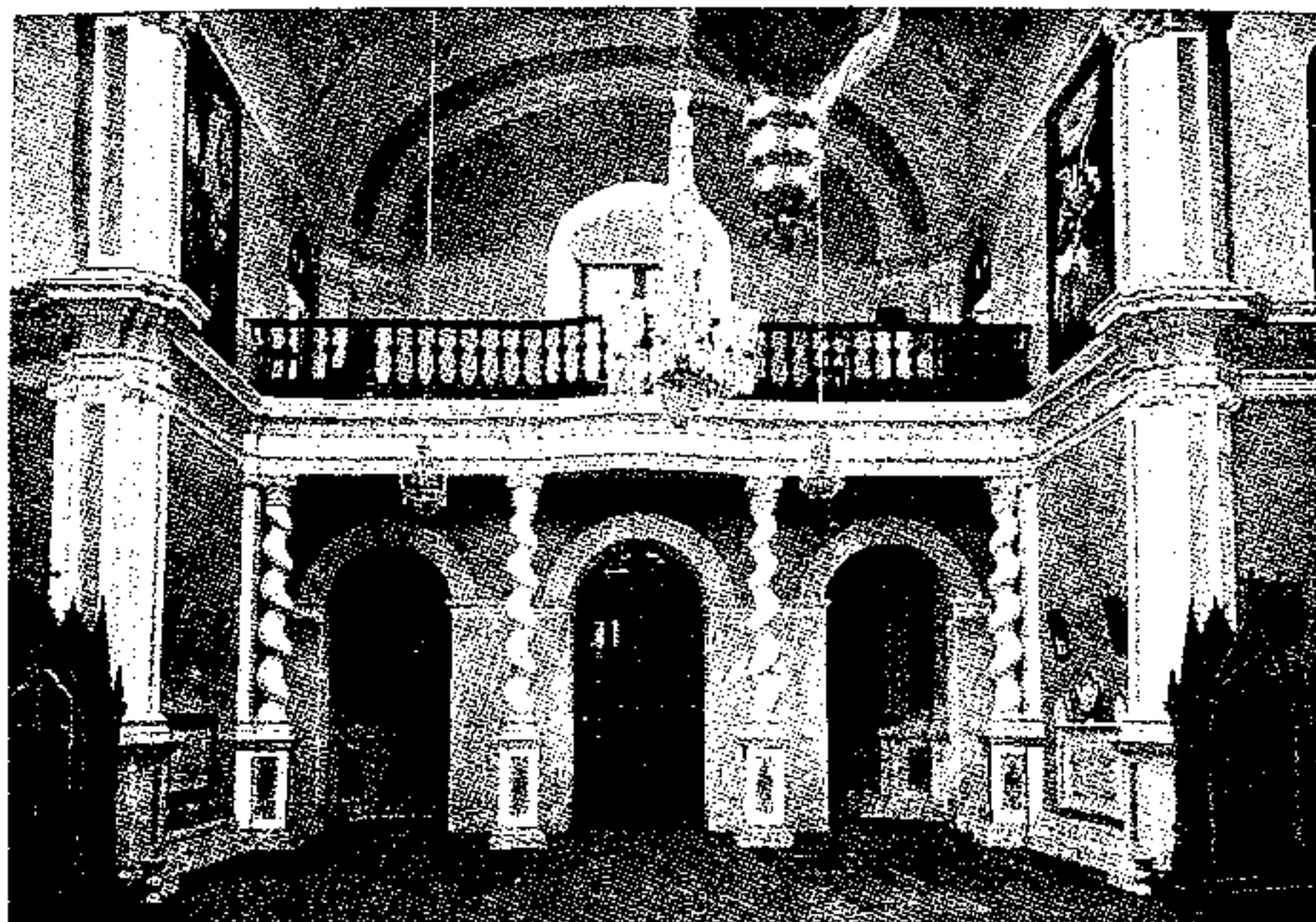
IGREJA DO SEMINÁRIO DE S. JOSÉ

聖若瑟修院聖堂

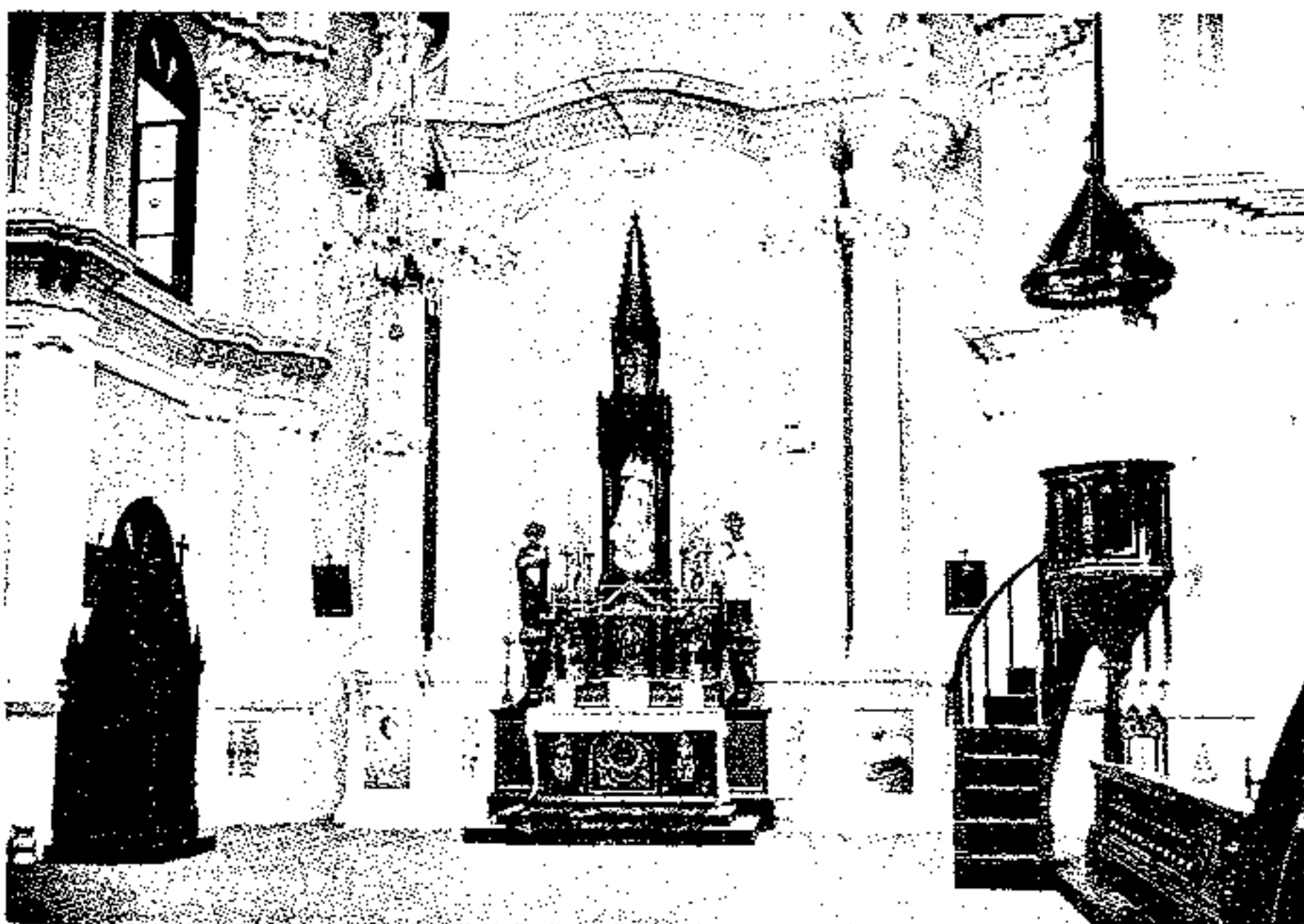


ANTIGO ALTAR-MOR DA IGREJA DO SEMINÁRIO DE S. JOSÉ

聖若瑟修院聖堂正祭台（一九五三年前）



CORO DA IGREJA DO SEMINÁRIO DE S. JOSÉ
 聖若瑟修院聖堂經樓



ANTIGO ALTAR DA IMACULADA CONCEIÇÃO
 NA IGREJA DO SEMINÁRIO DE S. JOSÉ
 聖若瑟修院聖堂右側無原罪聖母祭台

trando o Sagrado Coração de JESUS.

Ha tambem aqui confessionario e pulpito do mesmo feitio e primor que os primeiros.

O altar-mor differente dos lateraes no estylo, é mais majestoso do que elles, como se pode vêr de gravura.

O que mais sobresahe n'elle são quatro columnas salomonicas, ornadas de folhagem de acantho, que sobe apertada com ellas.

Nas bases são para vêr, em alto relevo, os differentes instrumentos da Paixão.

Em meio das quatro columnas correm suavemente os degraus do altar até irem terminar num throno, sustentado por outras quatro columnas no estylo das já descriptas: onde acolhe as preces dos seus devotos o Sagrado Coração de JESUS, em tamanho natural.

Fora dos degraus, que sobem para o throno, e encostado á primeira columna interior de lado do Evangelho, levanta-se Sancto Ignacio de Loyola de um metro e quarenta centímetros de altura, apontando para o livro do Instituto da Companhia, em que se lê o Sanctissimo Nome de JESUS e o lemma—A. M. D. G.

O sancto alça suavemente os olhos para o ceu, como que alheado da mesquinhez dos bens da terra.

Symetricamente do lado da Epistola fica S. Francisco Xavier, o grande Apostolo das Indias e de todo o Extremo-Oriente, com o crucifixo levantado e em acto de pregar.

A egreja está toda pintada a oleo, e da combinação das varias côres resulta um todo agradabilissimo á vista.

Por toda a parte nas abobadas se divisam emblemas e ornatos de estuque.

No zenith mesmo do zimbório é o Santissimo Nome de JESUS entre raios e florões; nas meias abobadas do altar-mór e do côro formosas ramadas, muito ao natural, emmolduram aqui a pomba symbolica do Espirito Santo, cercada de resplendores, alli o Sagrado Coração de JESUS entre corôas de rosas e espinhos a um tempo, por sobre os altares laterais são n'um o Sanctissimo Coração de MARIA de grandes proporções, no outro os emblemas do poder de S. José.

Depois de lançarmos um rapido olhar para o côro com seus balaústres de camphora, apoiado em quatro columnas, que fazem jogo

com o altar-mór, mas mais esbeltas de que ellas, e que dizem foram do antigo convento de S. Francisco, que era onde hoje se vê o quartel do mesmo nome, dirijamo-nos pelo lado do Evangelho e entremos debaixo do torreão da direita.

Lá encontraremos um devotissimo crucifixo, obra acabadissima no seu genero. Sobre o altar que se fez de teca como os da egreja, e sahiu muito perfeito, collocaram-se ultimamente duas estatuas: Sancta Maria Magdalena á direita e S. João Evangelista á esquerda. Medem de altura um metro e vinte e dois centímetros.

São as estatuas, sem exaggero, de mais valor artístico, que possue a egreja do Seminario.

S. João com os olhos docemente levantados para o crucifixo e arrazados em pranto; a Magdalena com o rosto meio inclinado e banhado de lagrimas que lhe deslizam pellas faces, enquanto aperta entre as mãos pendentes o vaso de alabastro, traduzem uma dor inexprimivel».

Na igreja do Seminário de S. José há uns sinos de relativa antiguidade.

No lado esquerdo da fachada, a S. O., um sino grande com esta legenda.

Na roda superior: DA JOSEPH MERITIS SIDERA SCANDERE

No meio: SUMMA TRIAS PARCE
NOBIS PRECANTIBUS

No fundo: ANNO 1796 JAP (1)
F.

A tradução é: «Concedei-nos subir ao Céu pelos méritos de (S.) José. Trindade SSma., perdoai aos que vos invocam. Jap o fez no ano de 1796».

No mesmo lado da fachada, a S. E., há um sino menor com esta inscrição na roda superior:

EVANGELIZARE PAUPERIBUS MISIT ME

No meio: ANNO 1796 JAP

No fundo: CONTRITOS CORDE SANARE

(1) JAP. são as iniciais do fundidor José António Pederiva, natural de Fascia, Itália, filho póstumo de João Baptista Pederiva e de Cristina Maria Weis (Cf. P. M. Teixeira, *Os Militares em Macau*, 89).

FACTA VICENTI TUA TE PERORNANT

Quere dizer: «Enviou-me a evangelizar os pobres, a sarar os contritos de coração. As tuas obras, Vicente (*S. Vicente de Paulo*) ilustram-te».

No lado direito da fachada há os seguintes sinos:

Ao N. O., dois anos:

1) No menor: 1806.

2) No maior: na roda superior, S. BARBORRA.

No segunda linha: JOZE DOMINGNES DA COSTA OFEZ
EM LISBOA NO ANNO DE 1806.

S. Barborra é erro: deve ser Sta. Barbara.

Do lado S. O.: um sino grande; na roda superior:

S. VICENTE DE PAULA

Na 8.^a linha, le-se o mesmo que no anterior. Paula é erro por Paulo.

Do lado S. E.: um sino pequeno com a data: 1806.

Do lado N. E.: dois sinos quase iguaia:

No de cima (menor), apenas da data: 1806.

No de baixo, na roda superior: S. Sebastiaom.

Na segunda linha, o nome do fundidor e data como nos anteriores.

S. Sebastiaom está errado: deve ser Sebastião.

Ve-se que José Domingues não era forte em letras!

Todos estes sinos foram mandados vir pelos lazaristas que tomaram oficialmente posse do Seminário de S. José em 9 de Setembro de 1784.

Teria a igreja deste seminário estado sem sinos desde a sua erecção pelos jesuítas até 1799?

Os seriam os primeiros sinos tão ordinários que foi necessário substituí-los?

O sino de 1796 foi mandado fundir pelo Pe. Manuel Correia Valente, que chegou a Macau a 28 de Junho de 1784. Os sinos de 1806 foram mandados vir de Lisboa pelo Pe. Joaquim José Leite, que sucedeu ao Pe. Valente no cargo de superior do seminário, quando este faleceu em 19 de Julho de 1804.

